



9

ALABAMA



1867

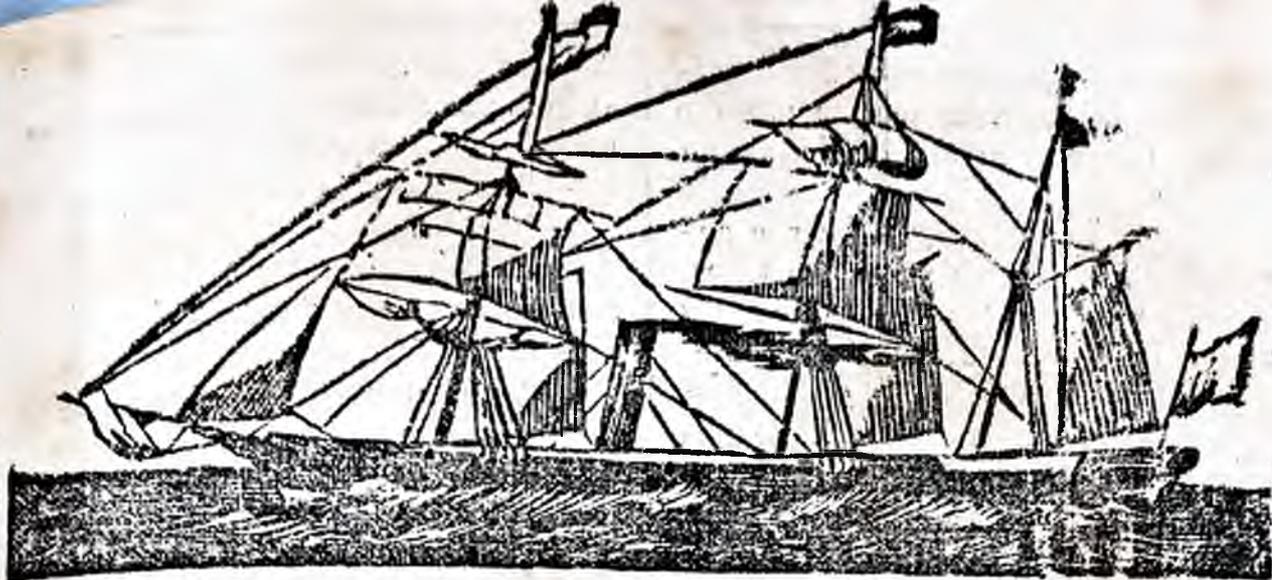
A

2868



I	8
6	20

L. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

4 DE MARÇO DE 1868.

SERIE 34.ª—N. 332.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúoa, á rua do Collegio n. 14, 4.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

Este numero do *Alabama* é o segundo da serie 34.ª

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de março de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um formidavel cano ao becco do Pedroso, o qual, alem do prejuizo que causa a saúde publica com o mau cheiro que exhala, é um perigo imminente a que está exposto quem tiver de passar alli á noite. Em vista do que, espera-se que a Illma. se mexa a respeito.

—Eis ahi como são as cousas deste mundo.

—Umas tortas e outras direitas.

—A nossa camara municipal é uma pobretona, que nem dinheiro tem para atamancar as mais urgentes e vitaes necessidades de seus municipes.

Quando se lhe faz qualquer reclamação, entra a choramingar que está com os cofres thysicos, em quanto que no

Paraná, provincia de terceira ordem, a camara da capital tem recursos para proporcionar a seus concidadãos não so o util e nescessario como até o agradável.

—Isso é bom.

—Por proposta do vereador Ricardo Gonsalves Cordeiro, contratou uma musica para tocar durante o anno, nos domingos e dias santos, afim de que o povo tenha mais um motivo de distração e recreio.

—Entretanto a nossa municipalidade, que tem outras proporções, mal chega-lhe o dinheiro para pagar a seus empregados.

—Que desespero!

—Que tem meu charo?

—Esta falta de cobre faz um homem perder a paciencia.

—Resigne-se.

—Ora eu, por exemplo, que so tenho dez tostões, como hei de dividir este pedaço de papel para ir ao açongue, a venda, á tulha si em nenhuma destas partes acho troco?

—E' não comer.

—Mas isso é horrivel. Si esse mal-

dito, governo que nos acabrunha, soffresso as calamidades porque passa o pobre, talvez ja tivesse dado algum remedio.

—O que ha' do tambem fazer o governo? A crise é goral; affocta a todos.

—Para o governo e seus amigos nunca falta ouro quanto mais cobro.

—Isso é dizer dos mal intencionados.

—Pois olhe, ainda hontem li em uma folha da corte o seguinte:

«Somos informados que o Sr. conselheiro Zacarias mandou dar pelo thesouro, haverá uns quinze dias, mais ou menos, dez coutos de réis em ouro a um cambista da rua Direita!

Ha quem affirmo que fora esse acto um emprestimo *D'ordem* que S. Ex. resolvera fazer; mas tambem ha quem diga, e esta versão é mais cordata, que S. Ex. ordenou a entrega daquelle dinheiro *unicamente* para que o cambista de *confiança*, que o recebeu, fizesse, em qualidade de agente do ministerio da fazenda, uma operação de credito e *cambial*, de *subida importancia, moralidade e interesse* para...

Ora para o que seria senão para melhorar o estado economico do thesouro publico.

S. Ex. é *verdadeiro e fiel* ministro do thesouro, e sabe lá o que faz,»

—Foi para resolver a crise inspiando confiança.

—Em proveito de algum feliz.

—O' preto!

—Sr.!

—Sr. Dr. está em casa?

—Vm. o que queria?

—Desejava fallar-lhe.

—Veio se receitar?

—Vim.

—E' preciso deixar 2\$ rs. em minha mão para poder subir.

—2\$ rs. para que, rapaz?

—E' o preço da consulta.

—E teu Sr. te encarregou de receberas?

—Sim, Sr., é ordem que tenho para todos.

—Toma os 2\$ rs.

—Pode subir.

—Sr. Dr., desejava que V. S. me examinasse e me dèsses um remedio que me meligasse os soffrimentos.

—Pois não, meu amigo. O que soffro?

—Do estomago.

—E' uma inflammacão. Uso desta receita que ha de se dar bom.

—Obrigado, Sr. Dr.

—Aqui estou as suas ordens.

—E' celebre a maneira de cobrar consultas deste Dr. Aberem! Deita o preto *Domingos* na porta para receber a esportula e quem não escorrega os cobres não sobe. Vejam o pobre *Carlos* porque decepção não passava se não traz no bolso uns magros *dous bicos*.

.....
—Vae, e fica certo, que se meu nome tornar a apparecer no *Alabama* por tua causa, tu és quem me paga.

—Sinhô *relegado*, eu não tem crupa qui esse gente do *Labamba* anda fallando tudo a cousa.

Esse anani memo anda spiando p'ra bota ni papé.

—Tu és quem vaes contar, ladrão... mando te trancafiar na correção.

—Eu não conhece homem de *Labamba*. Oiohô turo que ta hi ouvindo sinhô *relegado* fallá. bae conta ni sicitorio de *Labamba*, angora *Pedro* que vai ni coreção!

Esse non tan dereto.

—Conte quem contar, tu és quem me paga; si meu nome for fallado segunda vez por este negocio.

LA VAE VERSO.

Hoje veio-me á lembrança,
Deitar a prosa de lado,
Metter o verso na dança,
Mesmo mal alinhavado;
Contando o que se passou
Na semana que findou.

Não creiam que em pasmaccira,
Esta semana passou,
Da novidade a fieira
Desta vez cheia ficou,
Principiou sous labores
A casa dos grasnadores.

Domingo, os dignissimos,
Para a provincia salvar,
Se ajuntaram contentissimos
Oito bicos a mamar;
Ouvindo missa p'ra achar
Nos cobres bom paladar.

De volta, n'um mixtiforio
Veio o Sr. Azambuja
Para ler seu relatorio
Perante toda maruja;
Mas com voz tão baixa leu,
Que ninguem o entendeu.

Depois, fez a eleição:
O Dantas sahe presidente
2.º vice o Bulcão,
Do que ficou bem contente;
O Almeidinha primeiro
E o Sudrè p'ra terceiro.

Recorreu-se a decisão
P'ra secretario, da sorte,
Visto que a opposição
No Dormund deu um corte,
Vindo elle a ficar
Sempre em primeiro lugar.

Não houve nisto patota,
Nem tão pouco velhacada,
Porem eu que tomei nota,
E que ficou bem tomada;
Dizei que no tal sorteio,
Andou *obra* pelo meio.

Ca por casa, muito embora,
Hajam zousas de interesse,
Vou tratar do que por fora
La pelo mundo apparece.
Primeiro vamos a guerra,
Que a tanta gente atterra.

Saibam que o barrigudo
Do Paraguay o papão,
Presidente saçanhudo,
General de papelão,
Está se vendo apertado,
No seu forte encurrallado.

Com bem dor no coração,
Com bastante sentimento
Fez acto de contricção,
Em seguida o testamento. . . .
Deixando como legado
O seu *cocar* enfeitado.

Despediu-se da *madama*,
Da Minerva paraguaya,

Que segundo diz a fama,
E' pena que vista saia,
Pois é ella quem o guia
Quando metto-se em folia.

Lho deixa no banco inglez,
Onças de ouro, dez mil,
So do roubos que elle fez
Ao nosso incauto Brazil;
Deixa tudo preparado,
E a *Mittre* um *reservado*.

Roga praga e maldição,
Aos *macacos* do Brazil,
Pela firmeza de mão,
Quando impunham o fuzil,
Dando cabo da congada,
Que tinha bem ensaiada.

No averno está Plutão
O esperando contente,
Para encher o caldeirão
Com o gordo presidente;
Cuje azeite aproveitado
Lhe dará bom resultado.

O cholera em Buenos-Ayres,
Tem lambido os argentinos;
Alli morrem aos milhares
Velhos, moços e meninos;
Que com horror e espanto
Vão encher o Campo Santo.

As familias tem fugido,
A cidade esta deserta,
Tem o mal recrudescido,
Contam ja co'morte certa
E pedem a Providencia
Sua Divina clemencia

A PEDIDO.

Um estudanto, quando diz que pão,
manteiga e serveja são productos natu-
raes dos Estados Unidos, pode mal-
dizer de sua reprovação?

O animo do Villaça.

ATTENÇÃO.

Previne-se a certo cabrinha muito
ordinario, soldado do 4.º batalhão e
morador do Tingui, que não se queira
metter em camisa de onze varas, por-
que bem se conhece as suas qualida-
des miseraveis. Por ora ficaremos nis-
to; mas se esse cambaio, de chinelo

rato, não se desenganar. mirando-se n'algum espelho, havemos de tomar certas providencias que não lhe hão de agradar muito.

Quem me avisa meu amigo é.

— O que vai naquelles cestos cobertos com encerados?

— Sobras.

— Sobras de que?

— V. é curioso!

— Ora diga.

— Sr., si quer saber, vá indagar no mercado de carne.

— Ha tantos em Latronopolis.

— Nos talhos benedictinos.

— E para onde vão aqui pelo declive do Carmello?

— Para a revendagem no ponto.

— No ponto?...

— Sim. No *Cruzeiro do Pascoal*.

— Quem é o author de toda essa embulhada?

— Sr. *Ildefonso*,^r deixe passar o agente *florente* que não gosta do homem, que lhe direi.

Por agora, saiba que o marreco, monta-se todos os dias, assim como quem não quer a cousa, n'uns 40\$ a 50\$ bicos, provenientes das sobras.

— Que vida de *Lopes*!

— E' negociinho tão mau, que elle metteu *cunha* forte para ser exclusivo nos talhos benedictinos, em quanto os taes creadores andam a ver navios.

— E o tal agente *florente* nada diz a respeito.

— Nada, pela palavra. Duro com duro não faz bom muro. De uma vez que elle fiscalizou, prestou tão bons serviços, que foi remunerado com 200 bagos; é verdade que por isso ficou mal com alguém; e agora para não se indispor, vê e faz que não vê.

— Em resumo, isso é uma magna chuchadeira.

— Sem tirar nem por.

— E os pobres creadores que vivam tristes!

— E vão chorando e vendo o seu trabalho escorregar nas unhas dos gaviões de especie humana.

A' ELLA...

Meu desejo era ser vato inspirado.
Te offertar de meu estro sublimado

Sonoroza canção;

Meu desejo era estar sem que me visses
Junto á ti a contemplar-te extasiado

Em muda adoração.

Meu desejo era ser limpida fonte,
Em cujas agoas tua bella fronto

A manhan vaes mirar;

Meu desejo era ser o branco lirio

Que colhes ao passar ao pé do monte

P'ra teu seio enfeitar.

Meu desejo era ser o passarinho,

Que deixando as ternuras de seu ninho

Teu collo vem beijar,

Meu desejo era ser a branda aragem,

Que vem com mil afagos e carinhos

As tranças te agitar.

Meu desejo era ser o arvorêdo

A' cuja sombra ao pé la do rochêdo

Te vejo reclinada,

Meu desejo era ser do mar a vaga,

Que branda se deslisa e vem molhar

Teos pezinhos de fada.

Porem não sou vate, nem limpida fonte,
Nem lirio formoso p'ra o collo te ornar,
Sou louco de amores por ti, bella virgem
Desejo um teu riso, só quero te amar.

Não sou avesinha formosa, innocente,
Que deixa seu ninho p'ra vir te beijar,
Não sou branda aragem q' agita-te a tranças,
Mas dei-te meu peito, so quero te amar.

Não sou arvorêdo, do mar não sou vaga
Que vem cautelosa os pés te molhar,
Sou homem, desejo p'ra minha ventura
Um sim dos teus labios, só quero te amar.

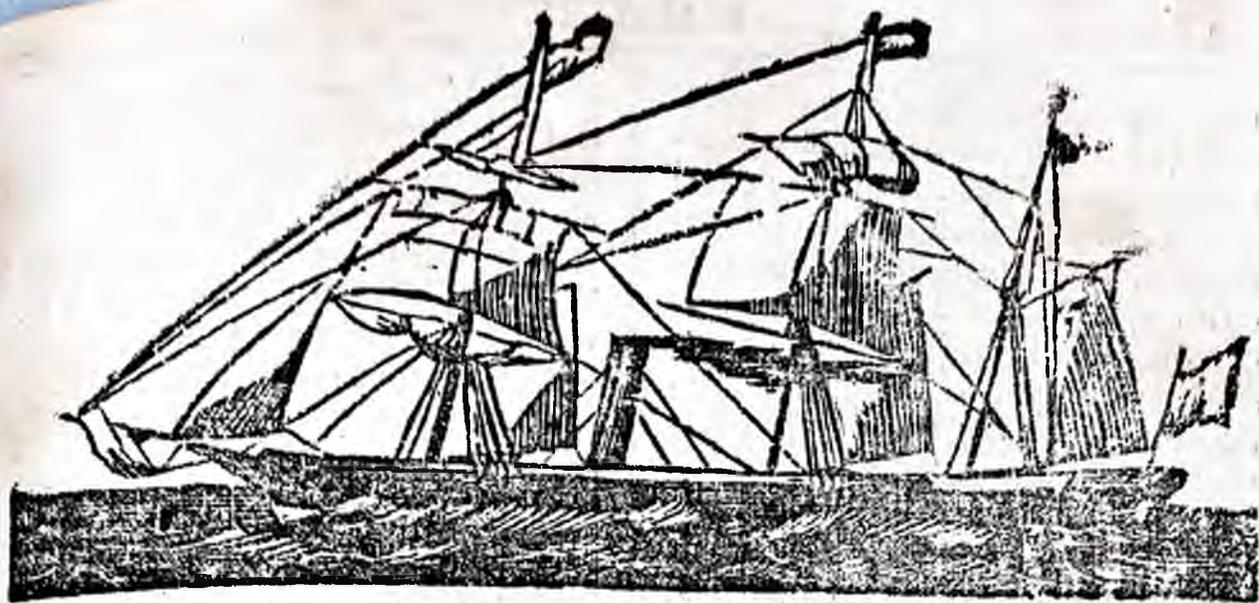
A luz do teus olhos gentis e divinos,
Meu peito amorozo soube escravisar,
P'ra mim um momento os solve eu te peço,
Não vês que te adoro? so quero te amar.

Accita meus votos sincerer e firmes,
Que a ti minha vida jurei dedicar,
Da-me um teu sorriso, um sim, uma esp'rança,
Pois eu te idolatro, só quero te amar.

J. P. de Souza.

ANNUNCIO.

No Trapiche 2.º Andrade precisa so de trabalhadores.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CUSTOSO

BAHIA—ANNO VI.

5 DE MARÇO DE 1868.

SERIE 34.—N. 333.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fór folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de março de 1868.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe, que com a devida permissão do Sr. subdelegado da Se, va accommodar a moradora do sobrado n. 13 e a creoula do n. 11, ambas á rua do Collegio. que vivem em resinga incommodando, as familias que se vêm obrigadas a testemunhar as insultuosas palavras que de parte a parte se atiram aquellas heroínas da depravação; como ainda na noite do dia 3 pelas 10 horas aconteceu, em que não houve termo por mais lascivo e obsceno que não despejassem aquellas desenfreadas linguas. Cumpra.

—Hontem às 6 horas entrou o *Cruzeiro do Sul* embandeirado.

—Foi portador de uma brilhante nova—a passagem de Humaytá pela esquadra.

—Eis o que diz um

«BOLETIM DA GUERRA.

«Um grande triumpho das armas imperiaes na madrugada de 19 de fevereiro.

Uma columna de 5 mil homens de infantaria, 3 mil cavalleiros, dos quaes duzentos argentinos, e algumas bocas de fogo de calibre 4, ao mando do marquez de Caxias em pessoa, avançou na noite de 18 sobre o flanco esquerdo de Humaytá e tomou posição. A's 4 horas da madrugada 3 encouraçados e 3 monitores forçaram o passo do rio Paraguay em frente a Humaytá.

Ao mesmo tempo principiou o bombardeamento em frente a Humaytá, em Curuzú, Lagoa Pires, Tuyuty, Anglo, Tuyu-Cué e Tayi, sobre as fortificações inimigas.

Ao romper do dia chegaram sem novidade os encouraçados e monitores brasileiros em frente a Tayi, onde foram recebidos calorosamente pelo 1º corpo de exercito alli acampado.

Neste interim dirigia o marquez de Caxias rapido e vigoroso ataque á baioneta sobre o reducto denominado—Estabelecimento—posto avançado do ini-

migo entre Humaytá o Sanja-Honda.

Tenaz resistencia do reducto, fortemente intrincheirado, artilhado e guarnecido por mais de 2 batalhões de infantaria, 1 regimento de cavallaria, os quaes apoiados por 2 vapores fundeados em uma lagoa junto á citada posição, varriam com sua grossa artilharia as avançadas do reducto, e haviam tomado esta posição com o duplo fim de proteger o mesmo reducto e fugir des encouraçados que não poderam distinguil-os em sua passagem.

Ao passar Humaitá o monitor *Alagoas* veio agoas abaixo, subindo depois só, tornando-se o commandante um bravo, pois o fez já em claro dia recebendo assim tiros de todas as baterias.

Todos os encouraçados passaram por cima das correntes e atravessaram o rio e se collocaram em posição para fazer fogo sobre os fortes Laureles e Timbó.

Dia 20. — Os dous vapores paraguayos que estavam em Humaitá, *Taquary* e *Iguarey*, estão passando tropas da fortaleza para o Chaco.

O exercito avançou pela direita e tomou uma fortificação, *Estancia*, com 15 canhões de grosso calibre e que foi defendida com energia: os atacantes tiveram perdas de 10 officiaes.

A tomada desta fortificação diminuiu 2 leguas a linha do sitio.

Foram prisioneiros muitas praças e um official de marinha que era commandante da dita fortificação, que disse que nunca pensou, nem o mesmo Lopez, que a esquadra forçasse Humaitá.

O chefe Delfim no *Bahia* com o monitor *Rio Grande* seguiram para Assumpção á hostilisar a capital e o que encontrasse em caminho,

O *Tamandaré* e o *Pará* tiveram bastantes avarias.

O combate durou das 5 as 8 horas da manhan, resultando a morte e aprisionamento de toda a guarnição do mesmo reducto, a tomada de 15 canhões de diversos calibres, grande numero de armamento, munições, equipamentos, arriamento, etc, cavallos, bois, etc.

Fora de combate de parte dos assal-

tantes, 16 officiaes mortos, 45 feridos e 17 contusos; 132 praças mortas, 294 feridos e 25 contusos. Total 148 mortos, 339 feridos e 42 contusos.

A posição foi ácommettida por 5 batalhões de infantaria e um corpo de cavallaria que poz o pé em terra.

A artilharia brasileira assestada depois de tomado o reducto, fez fogo sobre os dous vapores citados, os quaes depois de terem calado os seus fogos lograram evadir-se muito arruinados para Humaitá.

O Marquez, concluido o combate, seguiu immediatamente para Tayi a felicitar o chefe Delfim, pelo brilhante feito de sua esquadilha encouraçada, sendo euthusiasticamente victoriado pelas guarnições de terra e de mar; e determinou áquelle chefe que com os encouraçados *Bahia*, *Barroso* e um monitor subisse immediatamente o rio até Assumpção, destruindo tudo quanto encontrasse em seu trajecto, e fosse bombardear aquella capital, para onde em breve seguirá um corpo de exercito de 10 mil homens, organizado de forças alliadas.

Tuyu-Cué 20 de fevereiro de 1868,
— Que mais?

— Temos agora o paragrapho de uma carta particular da esquadra.»

— Leia.

— «19 de fevereiro de 1868 — As 3 horas e 30 minutos da manhan os canhões de todos os pontos da esquadra e do exercito se ouviram. Era a divisão de encouraçados *Barroso*, *Bahia*, *Tamandaré*, *Pará*, *Alagoas* e *Rio Grande*. O inimigo fazia fogo com seus canhões que pareciam descargas de fuzilaria, era horrivel o quadro. As 6 horas da manhan houve um telegramma: «A divisão expedicionaria transpoz com felicidade o Humaytá, e o nosso exercito avança sobre Humaytá.»

— Logo que divulgou-se semelhante noticia, o povo alvoraçou-se e jubiloso percorreu as ruas da cidade dando euthusiasticos vivas, acompanhado de musicas militar.

Quaso todas as casas illuminaram-se.

— Ha uma triste nova a registrar.

— Qual é?

— No dia 19, foi assassinado a facadas, em pleno dia, nas ruas de Montevideo, o general Flores pelos emissarios do partido blanco,

Dois dos assassinos foram immediatamente presos e fuzilados.

O morticínio em reacção a esse atentado subia ja a 180 victimas.

A PEDIDO.

Um estudante, quando diz que o pão, manteiga e serveja são productos naturaes dos Estados Unidos, pode mal-dizer de sua reprovação?

O animo do Villaça.

— Oh! V. Ex. aqui por *Matatuim!* Quando chegou?

— Hontem. Vim tratar de uns negocios.

Então ja se deixou da creoula Emilia?

— Não pesso, meu amigo, morro de paixão por ella.

— E' verdade o que me disseram, que ella deu-lhe umas bofetadas?

— E' exacto. Vero a minha casa o encontrando a filha do sapateiro passou-lhe uma descompostura de chapéu armado!

Palavra pucha palavra, *dize tu direi eu*, metti-me na questão para accommodal-as, e o resultado foi que tomei muitas bofetadas tanto de uma como de outra...

— Padre. V. é o pastor mais devasso que eu tenho conhecido! Quando é que V. ha de ter vergonha nesta deslavada cara?

Ora isto é bonito em um pastor, andar aos bôfetões com duas mulheres!

— Mas que hei de eu fazer, meu capitão, ellas tem paixão por mim e eu por ellas, rasão pela qual ciuam.

— Tenha sentimento, não seja tão cynico. Parece-me que não ha no mundo padre mais immoral que V.

— Capitão, eu quando vejo a creoula cantar:

«Tome, meu padre,
«Da creoula o coração,

«E em paga desta offerta,
«Dê-mo, padre, a *affeição* »

V. Ex. não imagima como eu fico ao ouvir esta quadrinha cantada em *tom melodioso*, pela creoula que me traz preso na *cadeia dos amores*....

— Creia que tenho visto que V. é a deshonra da classe ecclesiastica...

— Qual, historias! eu sou homem como outro qualquer e sinto tambem as chammas do amor devorar-me o peito.

— Arrenego de quem perdeu a vergonha!

Na verdade, a bella moça tem sido bem maltratada e ainda mais devia ser, porque ha cousa que não convem dizer por ora; apezar de muita gente já saber que a causa de tão mau tracto é em consequencia della não trazer dote; porem o que querem, si não me deram nada para guardar e nem eu sou devorador de cousa alguma?

O resto pela continuação eu direi.

* * *

FOGO SOLTO.

Cabeça de cabellos ja despida,
Olhos encovados, ja sem brilho,
Nariz pont'agudo, e retorcida
A bocca feita só p'ra comer milho.

Orelhas de jumento acabanado,
As barbas são de mono envelhecido,
Bigode ora comprido, ora raspado:
Com pêra de cabrito encanecido.

O peito pela thisyca abatido,
Costado de camello ja caçado;
Cintura de macáco enraivecido
Bandulho de comer sempre inflamado.

Os braços tão compridos quão esticados
As pernas arqueadas, frias, bambas,
Os pes são tão compridos e pesados.
Sustel-os ja não podem nem cassambas.

Poeta das grutas.

PIPAROTES

Sou doutor, acaso o negas?—

Oh! não! Couces pespegas
Nas leis que dão abalo—

E's doutor; e um cavallo,
 Consul foi: Roma o diz.
 Clama o . . . » Peior fiz
 «Eu dei um burro p'ra juiz!»
Poeta das grutas.

O VOLUNTARIO.

Lá no campo do Mavorte
 Tremula o nosso pendão!
 Vamos romper sem demora;
 As muralhas da Assumpção!

As bandeiras brasileiras,
 Já nos mandam reunir;
 Quem morre salvando a patria,
 Não deve a morte sentir! —

Sentido! — toca o clarim
 Correi, as armas, correi!
 Vingae á sombra da quina
 E a mancha na vossa grey! . . .

Por entre o silvo das ballas
 Já vejo um bravo de então!!
 Arriscando a sua vida
 P'ra defender a nação!

Sentido, soldado á forma!
 Receber mais munição;
 Mantimento militar
 Lançado pelo canhão!

Cabiste! . . . ah! companheiro!
 Vaes cumprir a tua sorte.
 Já tem outro em teu lugar,
 Para vingar tua morte.

Não está morto o valente
 Soldado, cabido agora!
 Não — apanhava a vareta,
 Que a balla tirou-lhe fora.

Avante, batei o fogo;
 Batei sempre sem cessar.
 Botai o joelho em terra
 Para melhor acertar.

Eil-o o signal de victoria!
 Repetiu o de degolar;
 Avança a cavallaria,
 A trote de carregar! . . .

Lá no campo de Mavorte
 Tremula o nosso pendão!
 Vamos romper sem demora;
 As muralhas de Assumpção!

F. J. Ferreira.

VARIEDADES.

BALDAS USUAES.

O homem somitico e usurario, de ordinario é muito politico (principalmente e de com os ricos e com as senhoras em sociedade,) offerecer com muito gosto—agua para beber, cadeira para se assentar, e quando muito, alguma fructa que não dura para o outro dia. Quando o usurario se vê entre homens pobres, ou individuos, entra a chorar-se e a contar desgraças que tem soffrido, isto por cautela, para evitar com tempo algum pedido.

—Toda moça soberba, e presumida de cantar bem, zanga-se e desespera-se quando outra canta antes a muzica que ella tinha de cantar; isto, em bom portuguez, se chama fraqueza d'alma.

—Senhor de engenho que quer ostentar grandeza, sustenta um cavallo um anno inteiro para leval-o muito gordo somente no dia da festa do Padroeiro.

—Rapaz que vai a Europa, ou á outra qualquer terra estranha, todo o seu empenho, quando volta, é trazer uma roupa de fazenda exotica que ainda não fosse vista, e juntamente variedades nas barbas: se demorou se mais de um anno, traz oculos, para indicar fadigas nos estudos.

—Mulher que presume de bonita, quando vai á egreja em dia de festa muda o modo de andar para parecer elegante; porem algumas ha que ficam peiores do que são,

UMA DOUTORA.

Entre os passageiros, a bordo de um barco de vapor inglez, achava-se ultimamente uma senhora muito doutora, e envolvendo-se em toda as conversas, as horas da comida, em que de ordinario so se deixa ficar nas suas cabinas os que estão enjoados. Fallava-se sobre a invenção do vapor, sobre as suas vantagens, e sobre a solidez da embarcação em que se navegava:

—De que força é o seu navio? perguntou um dos passageiros ao capitão,

—De 250 cavallos, respondeu este.

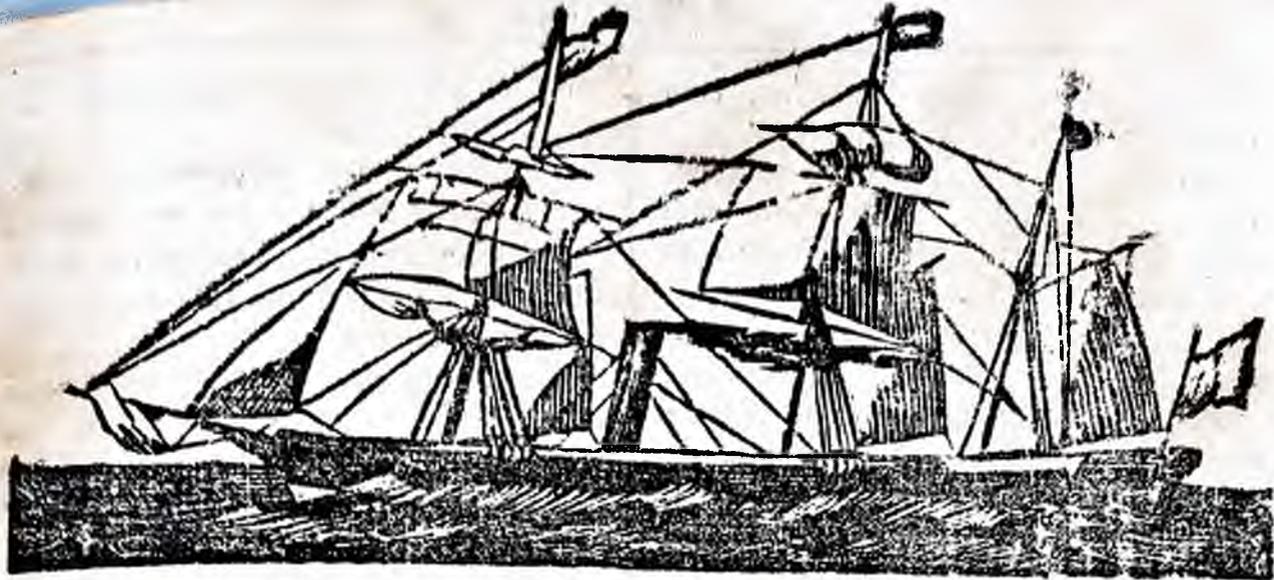
—Diga-me uma cousa, capitão—interrompeu a senhora—e onde é que accommodou tanto cavallo?

Talvez perguntasse aquillo pela consciencia de que lhes devia ir fazer companhia.

ANNUNCIO.

COSINHEIRA

Precisa-se alugar uma que seja diligente e acieiada, prefere-se escrava, pague-se bem agradando—a trater em S. Bento na casa unida ao collegio 2. do Dezembro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

7 DE MARÇO DE 1868.

SERIE 34.^a—N. 334.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fór folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. superintendente da via ferrea da Bahia ao Joazeiro, dizendo-lhe que, no intuito de evitar prejuizos que soffrem aquelles que transportam generos por essa estrada, cumpre que S. S. mande aferir e regularisar a balança da estação da Gequitaia, a qual faz uma differença de libra o meia em arroba. Espera-se por tanto que S. S., quanto antes, dê a providencia reclamada.

— Está para o que servem os nossos policias!

— Para provocantes.

— E insolentes.

— Dar uma bofetada dentro da egreja!

— O que faria o pobre menino que foi assim maltractado?

— Estava ao pé da charola do Senhor dos Passos; o guarda ordenou-lhe que

sahisse, elle obstinou-se, e o valoroso soldado imprimiu-lhe os cinco dedos na face.

— Que desrespeito!

— Merece ser punido.

— Deixe estar que si o major Marinho souber, elle não gosta.

— A assemblea provincial, em sessão do hontem, entendeu que a sollicitude, com que o Sr. presidente enviou desta provincia tortos, aleijados, caraolhos, casados e viuvos para o Sul, contribuiu poderosamente para o triumpho das armas brasileiras, foi agradecer-lhe como delegado do governo imperial; regeitando uma moção do Sr. Cezar Zama para que — por intermedio do governo, se felicitasse ao imperador, à esquadra e ao exercito pelos recentes triumphos obtidos no Paraguay.

— Isso foi exquisite do Zama; pois elle não sabe que semelhante triumpho foi devido so e unicamente á politica sabia, providente, energica e decidida do governo; que a esquadra e o exercito representaram um papel secundario e simplismente material nesse feito? Toda gloria por tanto recabe nos

sete ministros o seus delegados, com especialidade o Sr. Azambuja.

Seria muita ingratidão de homens, como o Sr. Sudré, contractado com 600\$ réis, para ir ao Rio duas vezes si não se mostrasse reconhecido.

— Como a guerra é de partido, va feito.

Porem é extranhavel que os *imperialistas* esquecessem-so de nome do seu amo.

— No dia 4 foi assassinado um velho africano, para roubarem-lhe 12\$500 reis.

O crime deu-se no caminho da Graça.

— Ferocidade!

— E' a mais authorisada prova de que gozamos o mais invejavel estado de segurança individual.

— Capitão, quer ouvir-me?

— A respeito?

— Da execução de um criminoso, que li na *Democracia*.

— Ora diga.

— No termo de Lorena, provincia de S. Paulo, ia ser justicado um reu, a quem a clemencia imperial julgou indigno da graça do perdão.

— Barbara pena de morte!

— O juiz municipal requisitou um algoz para executar a punição do crime com outro crime.

Mandaram-lhe como é uso, das cadeias da capital um criminoso. Um desses entos que a sociedade *veladora e previdente*, em nome do direito e da publica segurança, encladura, para corrigil-o sob principios humanitarios e são preceitos da moral.

Ergueu-se o cadafalso. A curiosidade publica, avida destas scenas de sangue apinhou-se no lugar do sacrificio.

Ia-se commetter em nome da lei, a luz do dia e em publico spectaculo, um desses actos que o barbaro salteador pratica de mascara no rosto, á sombra da noite em erma estrada, quando o algoz escolhido a todos sorprehendeu com esta memoravel declaração:

«Em um momento de loucura fiz

uma morte e por isso condemnaram-me em nome da lei.

«Hoje em nome da mesma lei, ordenam-me que pratique um assassinato!

«Condenaram-me, porque eu matei um homem em renhida luta e que procurava tirar-me a existencia; agora entregam-me um miseravel manietado e sem dezoza para que eu o mate!

«Não quero; não o matarei!

— Sublime lecção!

— Os sabios legisladores, os dilectos do povo, os escolhidos da nação defendem a pena de morte; os proscriptos da civilização, os obreiros do crime, proclamam a involabilidade humana!

— Os magistrados erguem o cadafalso em nome da lei; os assassinos abatem-no em nome da moral!

— Os enviados do Calvario postos ao lado do algoz, em nome do barbaro judaismo, proclamam a effusão de sangue, para lavar as ulceras do criminoso. Os condemnados surgem da obscuridade dos carceres e como o apostolo convertido proclamam a paz, em nome do Evangelho!

— Mysteroso contraste!

— O reu espavorido pela enormidade da pena, prosta-se afflicto nos degraus do throno; ahi solevanta-se a regia infallibilidade, trajada de purpura e lhe diz: «Não ha clemencia para li: morre!»

— Na praça publica, rodeado pelas turbas, o algoz estremece á vista do cadafalso e deixa cahir por terra o cutello, dizendo ao condemnado: «Deus poupou a vida de Caim: vive!»

Invoca-se a piedade do coração do monarcha e la se encontra a dureza, tão impenetravel como os diamantes da corôa, que lhe cinge a fronte excelsa; porque a clemencia foragida dos paços, abriga-se agora no peito do reprobado, sepultado no angulo escuro da lobrega masmorra.

— E é assim este mundo!

No parlamento, a mentira; nos tribunacs a colera; no throno a dureza; na igreja trevas, fanatismo e sangue... nos carceres a desgraça, na desgraça

a humildade o o Evangelho, e no Evangelho a clemencia e a regeneração!

— Diz a *Ordem* que despachou se na alfandega da corte um riquissimo faqueiro de prata para o ministro da marinha.

— Isso deuota que tem gosto para se tratar.

— E accrescenta que o homem segue a doutrina de um seu collega que não se venalisa, mas recebe *presentes*.

— E faz muito bem, quem é tolo para si, peça a Deus que o mate e ao diabo que o leve.

— E finalisa dizendo que os contractors reconhecem e respeitam tanto a austeridade economica de S. Ex., que ainda em cima lhe agradecem com valiosos *presentes*.

— A campanha Bahiana monopolizando!

— Em que?

— Nos trocos.

— Tambem recebe agio?

— Não, mas quem não levar dinheiro certo, não compra bilhete, por causa dos trocos, segundo um cartaz affixado no barracão.

— Isso é stullice.

E' claro que quem não for com os cobres inteirados, não pode comprar bilhete, salvo si o caixeiro quizer liar.

— Não é isso.

— Então o que é?

— O caso é que quem levar 1\$000 rs. não compra uma passagem de palaca para o Bomfim, Barra, etc.

— Si não ha cobre.....

— Não é razão.

— De sobra.

— Logo que dous ou tres individuos comprarem bilhetes com cobres, ha troco para um terceiro.

— La isso é verdade

— Então para que diabo de emplastro guardam o cobre criando restituções?

— E' que nesta terra tudo é ao inverso das outras. Em toda parte os estabelecimentos publicos, em occasiões excepcionaes como esta, envidam esforços procurando por sua parte resolver

os obstaculos, aqui augmentam-os.

— Quando um pobre voluntario vae pedir seu soldo que comeram la no sul, ou implorar uma esmolla, o governo chora mais necessidade do que uma habitante do beco do Grelo em tempo quaresmal.

— Trabalhem, si quizerem comer.

— Entretanto, que para seus compadres e afilhados está sempre de mãos abertas.

— E' preciso pagar bem para ter servidores dedicados.

— Esbanjando o suor do povo.

— Deixe-se de ideas carunchosas. Uma fatia mais larga não leva a boia ao fundo.

— V. como é outro perdulario...

Ora diga-me que necessidade tinha o governo de pagar a officiaes da guarda nacional para acompanhar a corte, ultimamente, recrutas e voluntarios, quando tinha a sua disposição officiaes de linha que se retiravam para a corte por terminarem as licenças que se achavam aqui.

Os Srs. capitão Antonio Caetano, tenente Pierre, e outros que se recolheram a seus corpos, podiam ser encarregados de tal commissão, pagando o governo somente a viagem para la; entretanto que fez uma despeza extraordinarissima com o Sr. tenente Esmeraldo e seus companheiros para irem e voltarem, ganhando soldo, etapa, gratificação, duas passagens é tudo mais quanto lembra o desmarcado patrocínio.

— E é sempre o Sr. tenente Esmeraldo o escolhido para essa commissão.

— E' uma especie de emprego com que querem brindar ao feliz moço e seus companheiros.

— Na verdade, isso é desperdicio; mas si o governo assim pratica é que tem suas razões.

— De aninhar o filhotismo tão somente.

A PEDIDO.

— Os moradores e proprietarios da rua dos Capitães representaram ao

Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo providencias que os acautello do perigo de que se acham ameaçados, pelo desabamento do sótão da casa que occupa o escrivão Ricardo do Abreu Fialho.

O Exm. Sr. Dr. chefe de policia immediatamente officiou á camara municipal para providenciar, esta participou ao seu engenheiro, o são passados mais de oito dias e nenhuma providencia se tem dado.

— Os encommodados que soffram.

— Si cahir o velho sótão os visinhos que morram esmagados, não?

Estou certo que si na representação figurasse o nome de algum do seio, já as providencias teriam apparecido.

— A prova está no edital que a camara mandou publicar, prohibindo a vendagem do fato, na quitanda do Pelourinho, só porque o Sr. Dr. Mendes se vê alli encommodado com os insectos.

— Si fosse um pobre coitado, a camara não dava o menor cavaco com seu encommodo.

— Que homens, meu Deus!

— A's ordens do Illm. Sr. Dr.

— Como vae?

— Bem. V. S. é um senhor universal.

— Deveras?

— E'.

— A razão?

— Está no mar, em terra, na cidade, no reconcavo, e em qualquer parte onde chamarmos por V. S.

— Que lembrança!

— Dar-se-ha que V. S. tem o dom da ubiquidade?

— Porque, homem?

— Como pode V. S. a um tempo examinar os *livres* na repartição das *averiguações*, fiscalisar os *permanentes* no quartel dos municipaes e curar os *marinheiros* a bordo?

— Esta está boa! Faça tudo isso como se fazem todas as mais cousas nesta terra da viola e carurú.

— Ah, é verdade, eu nem me lembrava que V. S. era primo do *governador*.

Lembra-se ao Illm. Sr. consul de Portugal a conveniencia de tratar-se da liquidação do casal do subdito portuguez Barcellos, visto que o deploravel estado a que se acha reduzido aquelle infeliz o impossibilita de continuar a gerir seus negocios.

E' occasião opportuna do provenir a S. S. que anda por ahi um hypocrita barbado, inculcado natural do *Guimarães* a propalar, que com a protecção de S. S. será o escolhido para administrar os negocios do infeliz Barcellos.

Talvez S. S. não esteja ao facto de que *essa firma* já foi repudiada por Barcellos por lhe dar um prejuizo de 25 por cento em fazendas, e que se conseguir encartar a bisca dará com os haveres do pobre homem em pantanas.

Note S. S. que esse marrecorio veio á surrelta do *Bio* por se achar implicado em quebra fraudulenta.

Não se deixe, portanto, S. S. cahir no laço que lhe arma a sua boa fé um refinado saltimbanco; certo de que, livrará o casal de inevitavel prejuizo, dando promptas providencias para liquidação do mesmo.

VARIÉDADE.

Certo estudante da roça ostando um dia na aula, e tendo occasião de se fallar em elephante, foi interrogado pelo professor da maneira seguinte:

— O senhor sabe a que classe pertence esse animal?

— Sei, sim senhor.

— A qual é?

— Pertence a classe dos volateis.

— Qual! o elephante é da classe dos quadrupedes. E já o viu?

— Sim, senhor.

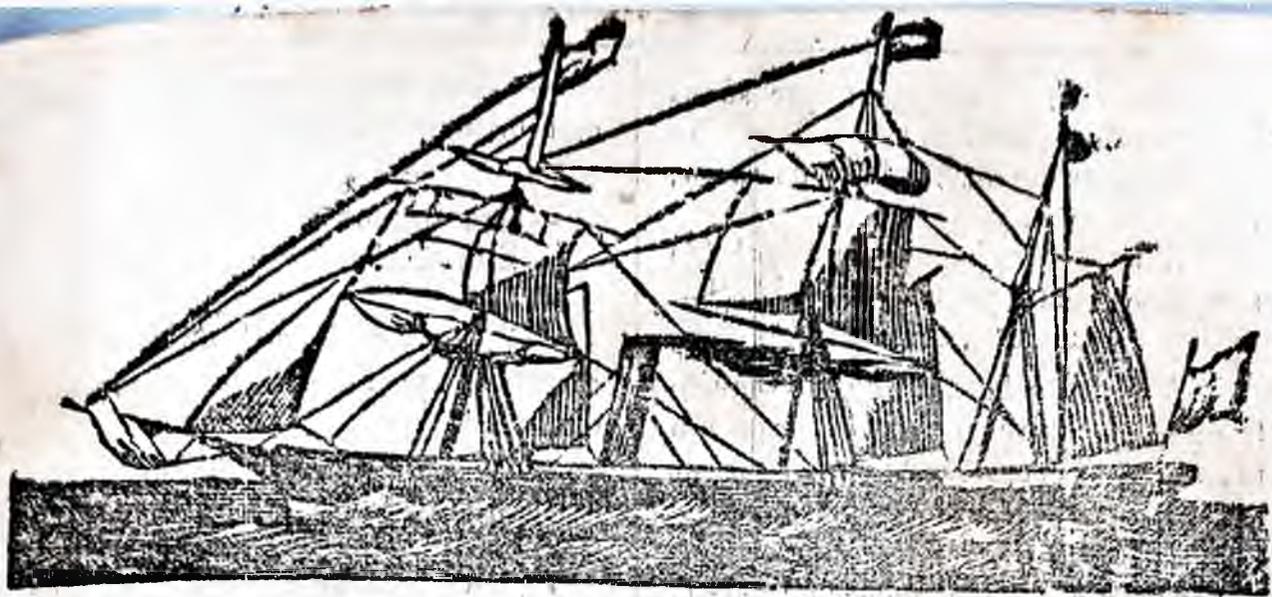
— Aonde?

— Pintado em um livro.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma mobilia de jacarandá, quem a pretender dirija-se ao beco da Agonia, freguezia de Santa Anna, casa nº. 7, que encontrará com quem tratar.

No Bomfim, roça do tabellião Pedreira França, precisa-se de uma ama para o serviço de casa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

10 DE MARÇO DE 1868.

SERIE 34.^a—N. 335.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fór folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando lhe que o sobrado n.^o 3, á rua dos Ourives, infunde serios receios do desabamento, visto que se acha todo desaprumado e apresenta diversas fendas e rachaduras, em vista do que, pede-se a S. S. que mande examinal-o por um engenheiro, e dê as providencias, afim de evitar algum deploravel desastre, para o qual pode concorrer a estação invernosa em que nos achamos.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, chamando sua attenção para tres criancinhas, a maior das quaes poderá ter seis annos, que andam á esmolar pelas ruas desta cidade, dizem ellas que á mandado de sua mão entrevada, moradora ás Portas do Carmo.

E como semelhante quadro seja não só deponente, como um pernicioso exemplo, habituando crianças em tão

tenra idade a pedinchar, espera-se que S. S. por commiseração áquellas innocentes as faça recolher á um estabelecimento de charidade.

—Andam por ahí os pobres soldados de policia a cabir de fome, porque não se lhes paga o soldo!

—E' peccado que brada ao ceu, não pagar o jornal a quem trabalha.

—Os vendelhões estão escabriados, e não querem fiar mais, vendo completar quasi dous soldos sem apparecer *gimbo*.

—O que dá causa a essa demora, sabe?

—Ha tantas versões; cada qual mais extravagante. Uns querem que não haja dinheiro no thesouro...

—Impossivel.

—Outros, que é negligencia do quartel mestre.

—Quartel mestre é um lugar que requer um homem muito *activo e aliado*.

—Outros, dizem que é um *calculo* premeditado; afim de pôr em prova a firmeza dos mais necessitados.

—Isso é sybilino para mim.

—Ah, é uma linguagem que só os agiotas comprehendem.

—Bem; eu como não chupo da *rasca*, não quero saber.

—E os pobres homens até hoje (8) sem receberem a paga do seu trabalho!

—A *Opinião Liberal* conta o seguinte episodio entre o imperador e um urbano por occasião do embarque de um contingente, á 7 de janeiro.

—Reproduza.

«—Peço a V. M. dispensa de partir, pois tenho as isenções da lei: sou viuvo, e tenho uma filha menor, que aqui está.

«—Não dispenso, siga, que eu mando proteger a sua filha.

«—Não conto com a protecção do V. M.; e com um sorriso ironico accrescentou:—Sei bem qual é ella...

A estas palavras volve-se o imperador e diz:

«—Sr. commandante, recommendo este homem á sua vigilancia e severidade.»

E proferiu ainda outras palavras, que o nosso fiel tachigrapho não ouviu perfeitamente, pelo que não as pode apanhar.

E' dever sagrado do chronista transmittir ao futuro historiador d'este infeliz reinado tão importantes, quão fidelissimos adminiculos.

Ex digito gigans.

—Ah, caxorronas!

—Que gente da pá virada! Fazerem da casa de Deus verdadeira quitanda!

—Está a contricção com que ellas vem a igreja.

Por causa de preferencia de logar, se esbofeteam e rasgam como duas cadelas!

—E a irreverencia, o escandalo, ficam impunes!

—A policia está aqui na porta de S. Domingos impassivel.

—Nem sequer os terceiros de S. Domingos mandam expellir aquellas duas insolentes regateiras, que vem profanar o templo com suas palavras e obras.

—Sabem no domingo (8) para o sermão o vão esbofetear-se na igreja!

—Que ingenuidade!

—Está sonhando?

—Não.

—V. com o *Jornal do Commercio* na mão a pronunciar palavras entrecortadas!

—Estou apreciando a ingenuidade desta *declaração* que vem no *Jornal*.

«CORPO MILITAR DE POLICIA DA CORTE.»

«Em virtude de autorisação do ministerio da justiça, em aviso de 9 de janeiro corrente, o major Hermenegildo José Gonsalves Neves, commandante geral interino do corpo militar de policia da côrte, declara que os individuos que voluntariamente assentarem praça n'este corpo, além das vantagens concedidas pelo regulamento n. 2,081 de 16 de janeiro de 1866 ficam isentos de marcharem para a campanha do Paraguay, DURANTE DOUS ANNOS CONSECUTIVOS, o que lhes sorá declarado em seus respectivos assentos»

—Logo, o governo confessa n'aquelle aviso ter ainda de durar a guerra do Paraguay por mais de *dous annos*!

—Ainda mais?

—O governo reconhece n'aquelle aviso a inpopularidade da guerra; e prometendo inserir nos assentamentos de praça aquella sua palavra, tambem implicitamente reconhece que ninguem liga a menor confiança ás suas sementidas promessas.

—E os urbanos que o digam.

—Nesta terra o direito é de quem pode mais.

—Vivemos sem rei nem Roque.

—Quem é grande neste paiz pode fazer com o fraco o que lhe aprouver, sem dar a minima satisfação.

Aqui está um exemplo.

A Sra. Claudimira, viuva, alugou o solão do sobrado n.º 3 ao Cruzeiro, ao Sr. Godinho, e tem pago constantemente o aluguel.

Na quinta feira, porem, entraram-

lhe em casa os pedreiros e sem mais formalidade, destelharam-lhe a casa, e mandado, disseram elles, da mulher do Sr. Dr. Pedroso!

— Como se faz isso?

— Fazendo.

Dentro da casa, onde pagava seu dinheiro, viu-se a pobre viuva sem ter onde se abrigar do sol e da chuva, e com seus trastes estragados, sem ter a quem se queixar, porque é desprotegida.

Uma boa familia, condoendo-se, deu-lhe agasalho.

— Alem do prejuizo, uma affronta.

— E' uma acção indigna de ser praticada.

— Principalmente por uma senhora.

— Feia em todas os sentidos.

— Porem que deu-se nesta terra classica dos abusos e do poder da força.

— Contiuua a falta de trocos miudos, da moeda papel, e de cobre!

— O papel miudo hoje está dando 2 % de cambio e o cobre dá 10 %.

— Não sei onde iremos parar com esta falta de trocos.

— Ha muito cobre e papel miudo ahi, mas certos negociantes os tem escondido para lucrarem.

— E o governo porque não lança mão de alguma medida preventiva?

— O governo pouco cavaco dá com isso.

— Elle o que quer é que o povo cansado de tanto soffrer, chegue um dia a um estado tal de exacerbação, e depois não encontrará remedio para curar o mal!

— E' o resultado.

A PEDIDO.

— O Macedo chamou a Chapadista aos tribunaes.

— Porque, Santo Deus?

— Porque a mulher disse na gazeta que a redacção do *Sentinella Invisivel* lhe mandara uma carta fazendo declarações e exigencias pouco airosas.

— Xi! . . . que susceptibilidade!

— Admirou-se?

— Pois o Macedo que tem ouvido tanta cousa de cara alegre nesta terra, encasifou por isso.

— Isso é um meio.

— E o fim?

— Vae longe.

— Assim, sim,

— Ha sempre um *feliz* nesta *Bahia* que paga o *patau*.

— La se avenham.

— Dou um doce, si publicar uma cousa que sei delle e me chamar a responsabilidade.

— Tal seja ella.

— Ahi é que está a cousa.

— Vem cá, cabuleté *medonho*.

— O que me quer, Sr.?

— Quero te levar ao capitão do *Alabama*.

— Eim?! . . . Estou já horripilado . . . Com esse homem não quero me encontrar nem no ceu.

Ainda não se apagaram de minhas costas os signaes do vergalho do muxingueiro, com que elle me mandou tosar.

— Entretanto não mudastes de vida, bestalhão tisonado!

Quando has de tomar vergonha, *Medonho*?

— E' cousa tão facil, como as galinhas nascer dentes.

— Tufé! . . . cousa noventa.

— O' Sr., como me emporcalha assim a cara com uma horrenda cusparada?

— Tu mereces mais, animal immundo e peçonhento. Creio que ainda um negro cangueiro te besuntando a cara de trampa, és susceptivel de tomar um ceutil de brio nesta cara *estanhada* pela natureza.

— Eu julguei que tinham me largado ao tempo, e ainda me vejo em assados nas mãos destes homens. O que fiz eu agora para ser de novo lembrado?

— Não sabes?

— Não, Sr.

— Pois eu te digo.

Seduzistes uma mulher para rouba-la.

— Eu, Virgem Santa!

— Sim, tu, hypocrita.

Sabes onde o Xixi mora?

—Sei.

—Conhecos uma mulher do nome Julia?

—Conheço.

—Não a seduzistes da casa onde estava?

—Sr., não obriguei-a, ella sabiu por seu gosto.

—Por tuas promessas refalsadas.

Ao depois não a abandonastes, levando-lhe o ouro e um violão, objectos com que presenteastes a Elzearia do Caes do Ouro?

—Os cordões foram para limpar e o violão emprestado.

—Mentira.

Não é verdade que ficastes com os beiços quebrados a semana passada no Caes Dourado, porque a mulher vendose abandonada, tomou a resolução de te esperar na porta da outra, e ahi te foi ao beque de prôa com viração?

—A mulher estava hallucinada.

—Porque tu dás causa a estes e outros espectaculos com tuas bandalheiras.

(*Continua.*)

—Miguel Peixe Gallo, alem de velhaco e falsario, deu agora para valentão.

—Que manha não terá aquella besta!

—Quebrou, á trahição, a cabeça de um moço, que foi exigir uma obra que lhe dera a seis mezes e que o tratante pôz no peito.

Um estudante, quando diz que o pão, manteiga e serveja são productos naturaes dos Estados Unidos, pode mal-dizer de sua reprovação?

O animo do Villaça.

—Pedem-nos a publicação do seguinte.

Reunindo-se alguns irmãos da confraria professa de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão accordaram em fazer reviver a antiga devoção do Senhor dos Passos da Regeneração; havendo no dia 3 de abril procissão solemne e

ficando a sagrada Imagem exposta á veneração dos fieis todas as sextas feiras até o dia da procissão.

Espera-se dos fieis toda coadjuvação para realisação de tão piedoso acto.

VARIETADE.

DOUS AMIGOS,

Não so viam havia algum tempo, encontraram se por acaso.

—Como tens passado? perguntou um delles.

—Não muito bem, respondeu o outro; casei-me logo depois que nos separamos.

—Melhor!

—Nem por isso, porque casei-me com uma mulher má.

—Mau foi isso.

—Não foi tão mau, porque ella trouxe cincoenta mil francos de dote.

—Sirva-te isso de consolação.

—Não é tanto assim, porque empreguei esse dinheiro na compra de carneiros, que morreram de peste.

—Que pena!

—Mas aproveitei as pelles que me renderam mais do que despendi.

—Valha-te isso.

—Mas a casa em que morava, e onde tinha guardado o dinheiro, foi consumida por um incendio.

—Oh! que desgraça!

—Não foi tamanha, como imaginas, porque minha mulher morreu queimada, e a casa que era minha, estava segura.»

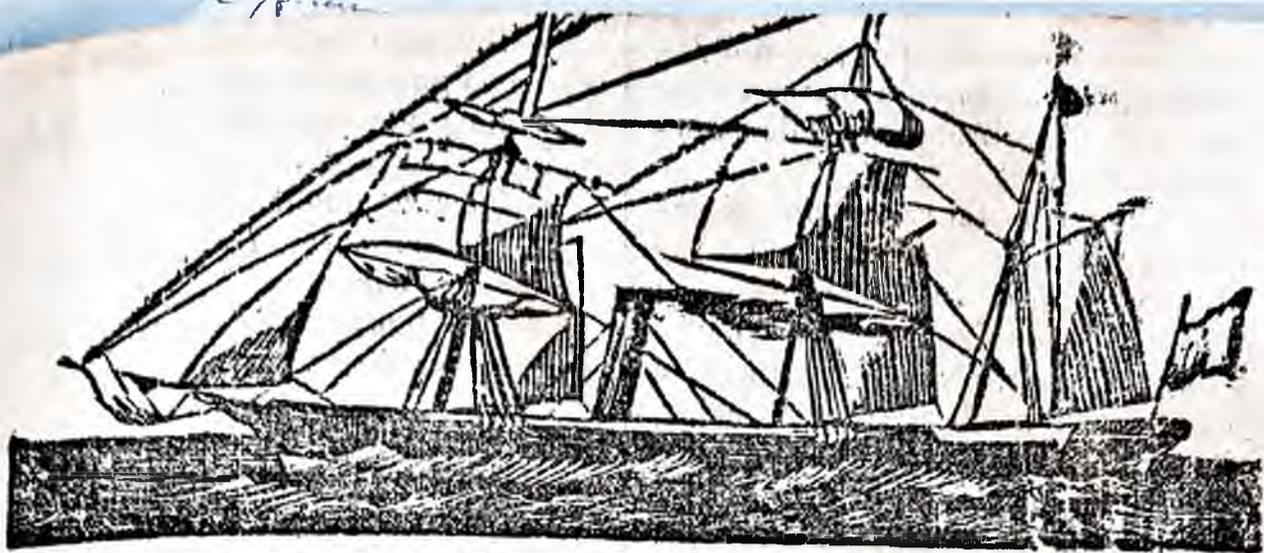
ANNUNCIOS.

FESTIVIDADE RELIGIOSA.

No dia 13 do corrente se ha de celebrar na matriz de Sant'Anna, onde se acha a Imagem de Senhor Bom Jesus dos Passos dos Humildes, a missa ás 8 horas, e ás 7 horas da noite o acto de adoração.

Convida-se para este fim aos carissimos irmãos e devotos a comparecerem no mencionado dia e horas.

No Bomfim, roça do tabellião Pedreira França, precisa-se de uma ama para o serviço de casa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

12 DE MARÇO DE 1868.

SERIE 34.^a—N. 336.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. commandante do corpo provisorio de policia, observando-lhe o estado esfarrapado em que estão as fardas de parte dos guardas de seu corpo, com honras de cobertas de tiras, devido isso, segundo nos informam, a não se fornecer os fardamentos, que os mesmos tem vencido; e havendo, ainda ha pouco, chegado uma encomenda de fazendas para fardamento desse corpo, torna-se necessario que S. S. mande promptifical-o com celeridade.

Outrosim, cumpre que S. S. informe para quem tem revertido os vencimentos dos guardas remetidos para o sul voluntarios, uma vez que para as familias dos mesmos não é.

Confia-se no zelo e actividade do que é dotado S. S. para a prompta solução do quanto fica exposto.

—Bonito systema de recrutar!

—A tortos e aleijados?

—Qual, a obra é outra.

O Evaristo, espião, e o cabo do deão torado, vão para o Taboão, á noite, á pegar os africanos, revistar-lhes os surrões, trouxas e carregos e ver o que trazem dentro.

—E este cabo, que chama a todos os vendelhões *compadre*?

—Entende que deve beber de graça e tomar fiado por ser recrutor.

—Então não é só isso. Quer que as mulheres o sirvam de graça. para elle não agarrar-lhes o irmão, filho, etc.

—E o tal Evaristo?

—Oh! esse campeão faz honra á policia da Bahia, tel-o por seu agente. Ha poucos dias, vi um bilhete dello nestes termos:

«Sr. F.—Dou-lhe parte que F. e um «saveirista vieram denunciar ao chefe, «que na venda de seu mano havia um «roubo e eu creio que o subdelegado «irá correl-a; portanto previna-se e «mande pelo portador uma gratificação. «Seu criado — *Evaristo*.»

—Que fidelidade de agente!

—Isso só? Ha uma immensidade de

falcatruas desse *amavel*; porom é do-
balde fallar: ainda ha pouco se ennu-
merou muitas alicantinas dello e nin-
guem deu cavaco.

— Quanto ao tal cabo é um rei pe-
queno: arvora-so em medico na rua
para examinar quem é ou não doente;
apalpa, bate nos peitos, manda deitar
a lingua de fora, etc., faz-se timido e
julga-se com direito a fazer exigencias,
que alcança, da gente inexperta que
quer tel-o á seu favor.

— E assim abusa elle do logar que
lhe confiaram, para commetter quanta
ganancia ha.

— Ouça este pedacinho, que é bom.

— Falle.

— «Informam-nos que ultimamen-
te se comprou grande quantidade de
polvora, por 600 rs. a libra, sendo
certo que no mercado havia á venda
polvora da mesma qualidade pela me-
tade d'aquelle preço. O negocio pas-
sou-se *en tête á tête* entre o Sr. minis-
tro da mariuha e o Sr. C.

Si o Sr. Celso nos explicasse como
isto e aquillo fez-se. mas qual,
S. Ex. *ha de dar contas de si aos re-
presentantes da nação lá para maio do
anno que vem*

— Quem diz isso?

— A *Opinião Liberal*.

— Singular maneira de prender-se!

— Espancando?

— E ferindo.

— Conhece o inspector?

— E' um Dionisio, da rua de Baixo.

— E o preso?

— Cocheiro dos Vehiculos.

— O motivo da prisão?

— Eu não sei. Estou ouvindo rosnar
que é ciutada.

— Bem bello! O agente d'authori-
dade aproveita-se do seu cargo para
tirar vindicta com o individuo que lhe
cortou a relaguarda.

— E' duello aquillo?

— O que, rapaz, é o official que está
mostrando sua destreza em manear a
espada; o outro apra os golpes com a
bengala.

— Mas aqui na Praça, o comman-
dante da guarda? E' ridiculo!

— Ha gente cuja insensatez dá para
tudo.

— Quem é aquillo *alferes*.

— Diz aqui o *José Luiz*, que é o so-
brinho de *Soares*.

— Não tem duvida, aquelle pobre
homem tem uma aduella de menos.

— Aqui é deposito de esterquelinio?

— E' os Arcos da Misericordia.

— Quanta immundicia!

— E' um poderoso auxiliar ao cbole-
ra, que nos ameaça.

— Quem passa por aqui sabe impre-
gnado de insuportavel fedentina.

— Note, que os portões fecham-se
á noite; o despejo é feito de dia por
tanto.

— Isso denota excessiva porcaria dos
moradores da ladeira da Misericordia
e adjacencias. Fazem do transito pu-
blico despejo, e dos escoadores latrina.

— E' um daquelles abusos difficeis
de prevenir.

— Pelo contrario; si o fiscal da fre-
guesia fosse mais previdente, um dia
dava com tudo na chena.

— O melhor é pedir á Mesa da Mize-
ricordia que mande limpar aquella
fonte de perenne insalubridade.

— Va feito.

— A ladeira da Saude está intran-
sitavel!

Ha buracos de enterrar um homem!

— Quando fizeram a muralha po-
diam logo concertar a rua.

— As cousas desta terra nunca são
completas.

— Outra ladeira que está na mesma,
ou em peiores condicções, é a da Pre-
guiça.

— Como é cousa de urgente necessi-
dade e commodidade geral, não ha quem
se lembre dellas; si fosse alguma gorda
mamata para presentear a gente do
peito, isso sim, havia dinheiro, vanta-
de, urgencia e tudo mais.

— E' fado desta terra, que os lara-
pios, tratantes e velhacos, tenham va-
liosa protecção.

Angelo, é um ratoneiro audaz, que vive a escamotear, não só o que acha desgarrado, como o que está bem guardado dentro de gavetas e até nos bolsos alheios.

A policia tem recebido queixas e a subdelegacia da Sé innumeradas contra elle; porem ha não sei que *fada magica* que faz com que Angelo saia sempre bem nas suas arriscadas emprezas.

Encantona-se na egreja do Collegio, onde tambem é protegido, até serenar o aguaceiro e dahi ha dias anda á fresco.

— Protecção. protecção.

— Dizem que na propria policia ha quem o proteja; porque estando ha tempos na vara de subdelegado o Sr. Ernesto, houve ordem de prisão para Angelo, o qual occultou-se logo no seu coito favorito, e um agente de policia apresentou-se no outro dia na subdelegacia pedindo por elle!

Ultimamente, Angelo é proso, depois de resistir e fugir das mãos dos guardas e quando se pensava que tão astucioso ratoneiro tivesse destino, ficando o povo livre de tal flagello, eis-o que anda de novo a fazer das suas e mais authorisado pela impunidade!

— V. mesmo não disse que os tratantes eram protegidos? de que se admira então?

— Os *meninos do coro* quebraram as vidraças das janellas da sacristia do Collegio.

— Quando?

— Hontem.

— Que vadios!

— V. o que deve é extranhar áquillo como anda a revelia.

— Camaradas, não briguem.

Vs. de patrulha a esmurrarem-se!

«— Corto-te a cara!

— Isso é feio logo aqui na rua Direita.

Vs. são encarregados de vellar pela ordem publica e não de alteral-a.

«— Este infame insultou-me.

— Olhem, la vem o capitão Braga, que ha de accomodal-os.

— Capitão, desde 14 de agosto do anno p. p., que dormo na pasta da commissão de justiça da municipalidade, um requerimento, sobre o qual tem ella de dar parecer.

— Por que não requer de novo?

— Novo requerimento foi feito a 17 de outubro do anno tambem passado e nenhuma solução deu-se.

Entretanto que reverto em prejuizo semelhante mania de reter os papeis que lhe são endereçados.

— Para esse caso eu so vejo um remedio, que é esperar com paciencia até que a commissão esteja de maré de despachar os papeis.

— O Sr. Thomaz David de Valle Maia, por um annuncio publicado no *Jornal*, pede a esta redacção que declare si elle é o author do officio ao superintendente da estrada de ferro sobre as balanças da mesma.

Ninguem mais do que S. m. deve ter consciencia de que não é o auctor de tal officio, uma vez que não faz parte da redacção desta folha.

Si com tudo é para livrar-se de alguma imputação que lhe fazem, declaramos sobre palavra de honra, que não foi o Sr. Thomaz quem nos informou sobre a illegalidade que ha na balança.

A PEIDIDO.

— Andava a sua procura, padre.

— Ha alguma cousa?

— Sim, Sr.

— Estou a disposição de V. Ex.

— Tenho uma queixa contra V.

— Negocios da Maria Joanna?

— Não.

— Sobre o que versa?

— Accusam-no de *sabido*.

— Isso? . . . Ora, adeus.

— São factos que muito depõe contra o seu ja compromettido character sacerdotal.

— V. Ex. tem a bondade de m'os dizer?

— Si é para ajustar essas contas que eu o procurava.

Dizem que o cabo Bento ajustou com V. para celebrar uma missa no *Mau-fim* e pagou-lhe adiantado, e que V. por portas travessas recebeu dinheiro de uma crioula para celebrar no mesmo dia; de sorte que quando o homem chegou á egreja com a familia já V. finalisava.

Quo V., sendo o *coadjutor* das *Barrecas*, contractou se com os frades da *Ternura* para celebrar nos domingos, faltando assim a seu dever e ficando os devotos sem a missa conventual e que nos sabbados em que é obrigado a celebrar missa da casa, recebe dinheiro para tenções particulares, fazendo d'uma via dous mandados.

— Isso fica cá sobre minha consciencia.

— Padre, dous proveitos não cabem n'um sacco.

— Preciões da vida obrigam a isso.

— Porque não reduz suas despesas para não commetter acções indignas de seu ministerio?

Eu hoje vim apenas aconselhal-o, porem si continuar veja la.

Va.

— As ordens de V. Ex.

SONETO.

E' *Coelho* n'altura o marinheiro,
Galhardo qual possante *Farragú*,
Vermelho como a crista do perú,
Quando pula raivoso do poleiro.

Eia, sus! *Sansãozinho* brasileiro!
O tamanho qu'importa? si o *Tatu*
Pequenino e zanaga como tú,
O pasmo conquistou do mundo inteiro?!

Mas deixa a galhardia p'ra mais tarde,
E não faças que alguém por *brincadeira*,
C'o a pecha te macule de covarde!

E bem sabes que mesmo sendo asneira,
Si um dia la o sangue em furor arde,
Eu te agarro e te metto na algibeira.

Caata achada na Praça.

Maria. — MUITO conti a tua partida para o castanhedo eu disde o dia que V. veio que eu não tenho comido atão hoji V. veja se podi micozer huma ca-

miza minha emando dizer quanto ho para eu saber semando o diga ceen posso mica zar com vocer para eu ficar cocogado o quando ho esti dia atão na cesta feira ce deus quizer. . .

Adeos atão atão

Seo Crº o obrº

Francisco M. Ramos.

Maria Amanti
Amor Quirido
Coustumi muito
Atua partida.

VARIEDADES.

EDUCAÇÃO ESMERADA.

Ha pessoas que se prezam de dar boa educação a seus filhos e tem razão.

Gabaram a um personagem importante o haver um seu filho corrido bem em um brinquedo de cavalhadas, e elle, todo ufano e contente de si, respondeu:

— La a estudos não o mandei ensinar, não, mas a cavallo è o que vocemecê vê.

UM POLYNOMO.

Um bespanhol montado n'um estropiado rocimande batia á meia noite á porta da unica estalagem que havia em uma aldeola. O estalajadeiro, brutal e tapado como a porta onde batia o viajero, assentou-se na cama e perguntou la de dentro:

«— Quem è?

«— Sou D. Sancho Affonso Ramira Pedro Carlos Athaide y Gusman de Santillana de Roxas de Stumiga y Manzanares de los Fuentes.

«— Tenho so un quarto desocupado, que não chega para tante gente respondeu-lhe o estalajadeiro toruando a deitar-se.»

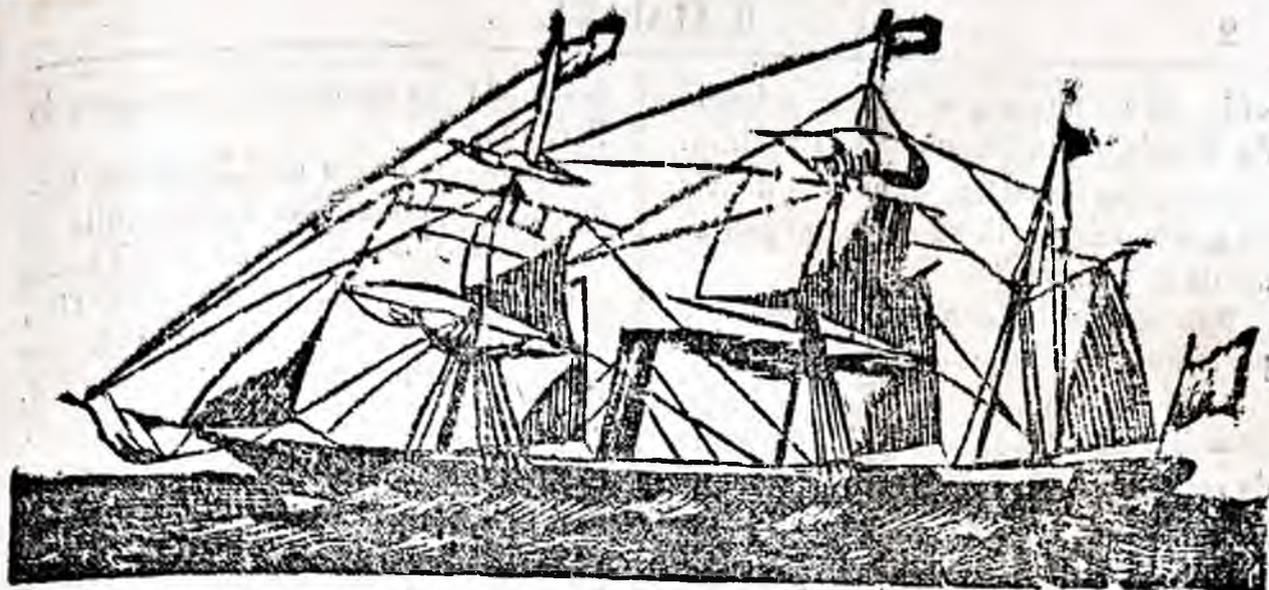
ANNUNCIOS.

FESTIVIDADE RELIGIOSA.

No dia 13 do corrente se ha de celebrar na matriz de Sant'Anna, onde se acha a Imagem de Senhor Bom Jesus dos Passos dos Humildes, a missa ás 8 horas, e ás 7 horas da noite o acto de adoração.

Convida-se para este fim aos carissimos irmãos e devotos a comparecerem no mencionado dia e horas.

No Bomfim, roça do tabellião Pedreira França, precisa-se de uma ama para o serviço de casa.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHIISTOSO

BÁHIA—ANNO VI.

14 DE MARÇO DE 1868.

SÉRIE 34.^a—N. 337..

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fór folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que pelo districto dos Mares vaga um preto louco, cuja hallucinação da para munido de uma grande estaca, não deixar inteira uma vidraça.

Na noite de 4 do corrente, essa mania atacou-o fortamente e elle quebrou todos os vidros das casas dos Mares, Bom Gosto e Noviciado. E podendo vir a acontecer que dos vidros passe elle as pessoas, pede-se a S. S. que se digne entender com o provedor da San-Casa, afim de que seja elle alli recolhido.

— A moralidade de um padre.

— Ah! vom V. com uma droga avariada.

— Um caso acontecido.

— Onde?

— Na cidade da *Catadupa*.

— Vá lá.

— Uma familia mandou preparar uma pedra para a lousa de um parente, e o artista esculpiu nella uma cruz; a irmandade da egreja onde tinha de ser ella collocada, não quiz consentir á pretexto da irreverencia, que se dava de ser a cruz pisada por todos que entrassem na egreja.

Consultada a opinião de um padre, opinou este que se podia pisar na cruz e para prova subiu sobre a pedra e poz-se a bater acintosa e desdenhosamente com os pés sobre o emblema sacro-santo da redempção humana.

— Quem é osse sacrilego?

— Um individuo, que por seus ademanes, seria dama de *honor*, ato continuo si podesse se transformar em mulher.

— Algum devoto de Baccho.

— E adorador dos prostibulos.

— E' assim que se faz fortuna.

— Assim como?

— Roubando o suor do povo.

— São fortunas que vão por agua abaixo.

Essas fabulosas fortunas, improvi-

sadas da noite para o dia são o fructo da fraude, da pilhagem e do latrocínio.

— Que se importam elles que depois da morte o diabo lh'as cárregue juntamente com a alma?

Não acabou de ver aquelle ilheu o que praticou com um pobre tabareu?

— Não.

— V. não estava em pé alli na ponte da companhia dos *Bahianos*?

— Estava.

— E não viu?

— E' que cheguei depois, talvez.

— Pois ouça:

Um matuto, vendeu os generos que trazia alli no armazem, que depois do regresso em que andou, melhorou. Deram-lhe em paga, uma cedula de 5\$ rs. do governo, das que se estão recolhendo. O homem não reparou ou não conheceu: dali sahiu para comprar o que lhe era necessario e então é que soube que o papel não tinha o curso legal.

In continenti volta ao armazem, e o astuto ilheu o manda prender por dous policias, a pretexto de trazer *moeda falsa*.

— Falsa! a moeda do governo?

— E que elle mesmo deu.

— Quem sabe esse labrego quanta moeda falsa não tem trazido de sua terra para impingir-nos.

— Mas vê que latrocínio? Alem de lezar o homem com uma moeda depreciada, ainda o manda prender dizendo que é falsa.

— E foi preso?

— Não, porque houve quem intervisse.

— Mas soffreu o prejuizo?

— Evidentemente.

— Que é o que elle o queria: com 3\$ rs. pagar 5\$ réis.

— E roubando assim essas harpyas, arvoram-se em colosso de riqueza de uma hora para outra!

— Episodios de um embarque de tropa, na côrte, a 7 de janeiro.

— Diga.

— «No arsenal de marinha achavam-se approximadamente 1:600 praças,

destinadas ao insaciavel sorvedouro do Paraguay.

« Dizemos *praça* na falta de um termo que exprima essa turba-multa de invalidos, de doentes, de pretos minas (africanos livres), de escravos, etc., etc., que ali formavam por entre algumas dezenas de soldados bisonhos.

« Certamente, uma grande parte, a maior talvez, d'aquelles infelizes não levavam destino ao exercito, mas ao cemiterio.

« Apresentando-se o imperador no arsenal, choveram-lhe aos pés as victimas dos desatinos alheios.

« E clamavam. — Somos casados, senhor! Temos familia, que ahi fica ao desamparo, si lhes faltamos! Dispensai-nos! »

« — Não é possivel, respondeu o imperador; a patria exige este sacrificio dos seus filhos. »

« A' palavra PATRIA os PRETOS MINAS, estupefactos, arregalaram grandes olhos, como se perguntassem — contra quem move guerra o Paraguay?! »

« Os cacheticos e invalidos clamavam por inspecção de saude.

« S. M., voltando-se para o medico de semana, ordena-lhe que examinasse alguns dos mais pertinazes pedintes.

« Mas o pertinaz medico foi inflexivel. . . .

« « Prestes a mover-se a tropa para bordo, colloca-se um cidadão ante o imperador, e com a firmeza do homem honrado, diz-lhe:

« Senhor, aqui está fardado entro estes soldados, um meu escravo, aquelle; reclamo que se m'o entregue.

« — Sim, sim: entenda-se com o ministro, que será indemnizado.

« — Não se trata de indemnisação, senhor! O escravo é minha propriedade, e não quero dispor d'ella, nem tão pouco auctorisei a que lhe assentassem praça.

« — Deixe estar, ha de se ver isso: falle ao ministro.

«—Não, retorquiu o homem resolutamente, nada tenho com os ministros de V. M. Exijo o meu escravo, não conheço no paiz lei de desapropriação.

«O imperador continuou a passar revista, deixando entregue a si mesmo o interlocutor importuno.

«—Pois bem, disse esto, eu acompanharei a minha propriedade: quero ao menos ver para onde m'a conduzem.

«E metteu-se no pelotão em que estava o escravo.

«Immediatamente desfila a tropa em direcção ao navio, e um general vem intimar ao honrado cidadão, que não podia ali estar entre os soldados.

«—Não sei, Sr. general, acompanho apenas a propriedade que me arrebata. Não tenho outro meio de defender o meu direito.

«Essa nobre insistencia valeu-lhe o desembarque do escravo.

.....
«Effectuado o embarque seguiu-se uma balburdia infernal indescritivel.

«Era a distribuição de gratificações pecuniarias a essas victimas da fraude e da prepotencia.

«Com esse dinheiro entendia-se comprar o silencio das victimas, e accender a cobiça no povo!

«Sempre o mercado das consciencias! sempre a almoeda dos sentimentos e dos brios do cidadão!

.....
«Porque hão de entender os *divinos*, que abaixo das nuvens em que giram é tudo canalha vil e mercenaria?!

«Porque ha de neste paiz entrar em tudo a corrupção?!

«E' a historia invariavel deste reinado.

«Pretende-se mover uma palha. Pois bem, vêde: —ahi passa o pregoeiro official, agitando com uma mão a bolsa do estado, e alçando na outra a tabella das consciencias, das apostasias, da corrupção!

«Eia! Proseguí, governo pessoal, ide as ultimas consequencias do vosso systema.

«Mas ouvi: Edificastes sobre a cor-

rupção, a corrupção dará por terra com o edificio.

«Escapará o architecto?

«Deus, só Deus o sabe. . . .»

—Muito bem, muito bem.

SAUDE.

A saude é a belleza interna do corpo humano, é a conservação das forças vitaes.

A saude, o maior bem que podemos possuir sobre a terra; a saude, este milagroso vapor que move toda a machina do nosso corpo, devendo ser tratada com toda attenção, quer publica, quer particularmente, é, por desgraça d'esta nossa epocha, lançada ao desprezo; cuida-se com todo o afinco na instrucção, na riqueza, na modas, no luxo, e em tudo quanto ha de ostentação, e não se cuida na saude, bastando considerar que sem ella nada nos pode ser util; a saude do corpo influe nos prazeres da alma; a saude bem apreciada faz com que desfructemos perfeitamente todos os regalos do paladar; a saude nos dá mais forças e mais intelligencia para melhor podermos trabalhar; e até a saude é tão precisa e influente, que sem ella não podemos saborear os bons bocados do amor, nas marmelladas do casamento; e quantos motivos concorrem para se estragar, e ate de uma vez extinguir a nossa saude!! São tantos, que seria encher quatro folhas d'esta; mas para abreviarmos esta reflexão, vamos mencionar as mais notaveis, ou que mais prejudiciaes se tornam.

Desde que nascemos, a nossa má educação concorre para termos pouca saude, e ainda mais direi, que antes de nascermos ja desde dentro das barrigas soffremos, por que as senhoras mães de familia modernas não se importam de estarem peçadas ou não, para irem a funcções, dansarem, comerem e beberem tudo quanto ha, perdendo noites inteiras ao calor das luzes, e ainda em cima espartilhadas por tal forma, que um dia havemos de ver alguma lançar a criança pela bocca: o que criança deve nascer de tal gente? Em vez de meninos, nascem largatixas mirradas.

Sabe a criança e é logo mettida em tantas capas, cociros, folhados e encaipotamentos, o depois tão ligada o tão apertada, como se fosse um rolo de fumo.

Depois d'este enfardamento, a Sra. parida, para se ver livro da trouxa, diz logo ao marido que está muito fraquinha, e não pode crear o que pariu; e portanto toca a procurar ama do leite, e aqui temos uma negra ou mulata extravagante que vem infelicitar o recém nascido, embutindo-lhe maus humores, e vícios torpes que tem adquirido.

Entra a crescer a criança, si é do genero masculino, assim que sabe andar senta praça de charutador, fumando e cuspiendo desde de manhan até a noite; si é do feminino, prega-se-lhe logo uma barbatana ao peito para fazer cintura fina; encanto este muito influente aos rapazes na sociedade, quando agarram as moças para a walsa pulada. Além d'estes dous motivos, que tanto estragam a saúde de ambos os sexos, o que diremos das noites perdidas nos bailes sem se dormir!

(Continúa.)

NÃO HA TROCO.

Era no fim do mez; tinha recebido o meu ordenado, na importancia de rs. 30\$200, isto é; de maior quantia, porque eu já havia dado tres ou quatro bicadas no thesoureiro; e, si elle não fosse tão *encouraçado*, nem tanto me restaria.

Tocou-me por sorte duas notas uma de 20\$ e uma de 10\$, e 200 rs. em metal de taxa.

Estava anciosissimo para ouvir o toque da campanha, e, assim que ella se fez ouvir, metti a *vermelha* no bolso do *rodaque*, e fazendo uma rasgada cortesia ao meu chefe, enfié pelo corredor.

A primeira pessoa que encontrei foi o Christovam, tendo na mão uma lista dos devedores do correio.

Depois de saborear a sua gostosa pitada, disse-me:

—Amigo, pareço-me que temos aqui uma continha.

—Sim, senhor, são 200 réis de portes de cartas; aqui tem; dei-lhe o cobre e fiquei reduzido unicamente as notas.

Ceguei em casa muito satisfeito; fiz uma pirueta no meio da varanda, o disso á mulher, mostrando-lhe as notas:

—Aqui temos minha-velha, esta arma poderosa para matar-mos a *ouça* que temos em casa.

—E realmento, ella já estava tão pronunciada em toda habitação, que tinha a cauda no corredor, e as fauces na chaminé!

—Não sabes quanto estimo, marido, porque a lata da farinha já estava cantando.

Aqui tens; manda trocar e comprar a farinha em casa do Epiphanio á ladeira da Praça.

Em quanto não chega a criada, manda pôr a meza alguma cousa que se róa, porque estou hoje com um appetite devorador.

Tratei de metter no estomago um pouco de carne assada, e empurrei-a com um copo do verde.

Neste momento chega a criada toda espavorida, dizende-me:

—Não ha troco!

—Tronxestes a farinha?

—Não senhor.

Fiquei desesperado! porém como não tinha outro remedio, jantei sem farinha.

No dia seguinte, sahi com o firme proposito de trocar as notas comprando mesmo alguma cousa.

Lembrei-me então que as minhas botas estavam com *caxumba*, e quiz reformat-as.

Entrei na sapataria do Luiz Vasconcellos e calcei umas botinas que me ficavam muito *chic*.

Puxo pela de 20\$ e digo ao homem: pague-se.

—Não ha traco!

—E então? eu não possuo outro dinheiro e. . . .

—Deixe ficar a nota e venha amanhã buscar o troco.

—Não é possível, meu amigo, estou

com a *ouça* em casa. Aqui tom, fique-se com as botinas.

—Agora nao as rocebo; o Sr. ja su-jou a *solla*...

—O que quer que lho faça? O Sr. não tem troco e eu não tenho outro di-nheiro.

Finalmente, depois de muita con-tenda, o homem resolvera-se a ficar com as botinas, e eu enveredei para a loja do major Texeira.

Mandei cortar, sem necessidade 4 varas de morim e 2 lenços de tabaco e apresento-lhe a nota.

—Não ha troco, meu amigo.

—E esta!... A fazenda ja está cor-tada e eu não tenho outra moeda.

—Deixe ficar o quando trocar a nota venha buscal-a!

Eu não preciso da fazenda, Sr.! o que me falta é dinheiro miudo para man-dar à praça: hontem jantei sem sari-nha, e hoje ainda estou em jejum. Já vê o Sr. que eu não heide comer este pedaço de papel...

E sahi desesperado da minha vida.

Fui direitinho á botica do Agostinho com tenções de comprar um purgante, do qual andava precisando.

Chego á cancella e digo ao homem:

—Um purgante.

—De que?

—De *le-roy*.

—Em que quer?

—Em pelotes.

—Prompto.

—Eis-aqui, disse eu, dando-lhe o papel.

—O *pharmacopola* arrepia-se todo o grita-me.

—Não ha troco!

—Bem, Sr., não se zanguo.

Dei meia volta á direita, e deixei-lhe os pelotes na mão!

Restava-me ainda um meio.

Fui em certo armazem comprei 4 garrafas de vinho, uma lata de sa-di-nhas e desdobrei adiante do dono da casa a cedula.

O homem fez uma cortezia e respon-deu-me.

*Meu rico amo
Do meu coração,*

*Não tenho troco
Na occasião.*

—Ora, Sr. *meu amo*, tenha pacien-cia... veja si me pode servir.

—Podia-se dar algum geito, si o *meu amigo* quizesse dar algum agio...

—Maldição! exclamei eu dosespera-do.

Isto só pelos diabos!

Eram horas de ir para a repartição e eu não tinha ainda assignado o ponto. Esta lembrança me mortificava.

Cheguei ao Escobié, olhei na pen-dula—marcava 10 horas!

Já era tarde... tive de perder o dia!

Eis-aqui, queridos leitores, o desgosto que passei para trocar a maldita nota, o que afinal consegui, compran-do no mercado sem necessidade, um papagayo por 5\$000!...

LA VAE VERSO.

Dar em prosa uma noticia,
Do certo não custa nada;
Mas em verso e sem malicia,
Não deixa de ser massada;
E nem todos dão valor
Ao trabalho do escriptor.

Mas não tendo a pretensão
Delle ser, nem de poeta,
Escrevo por distracção
Para não dormir a sêsta,
Que neste tempo calmoso
Deixa o homem preguiçoso.

Assim pois, me vou sentando
Na banca da paciencia,
Algum facto relatando.
E com toda reverencia,
Desculpa peço ao leitor
Si me julgar sem sabor.

A semana que passou
Foi semana de folia,
O povo se alvorçoçou
Em delirios de alegria,
Por chegar a grata nova
Que Lopez levava sova.

Na quarta feira, á tardinha,
Garboso as ondas sulcando,
O *Cruczeiro* entrando vinha,
Do bandeiras tremulando;

E correu logo o boato
 Que havia espalhafato.
 Mal fundou o vapor,
 Muita gente a bordo vae.
 Procurando com ardor
 Noticias do Paraguay.
 De momento a nova ha
 Que transpoz-se Humaylá.
 Este povo folgazão,
 Amigo de divertir-se,
 Aproveitando a monção
 Entrou logo a reunir-se,
 Esquecendo a tyrannia
 De quem hontem o prendia.
 Essa chusma de zangões,
 Que anda em palacio zumbindo,
 Correndo aos berbotões,
 As escadas vão subindo;
 E quem vae mais adiante
 Faz serviço relevante.
 Quantos cidadãos prestantes,
 Nessas horas apparece!
 Que serviços relevantes!
 E quanto desinteresse!
 Ha tanta patriotada
 Que poem-me a cabeça inchada.
 Era um gosto ver o Matta,
 Em alegre desvario,
 Tonto como uma barata,
 Correndo para o *Diario*;
 O boletim a levar,
 Como um serviço a prestar.
 Em prazer tão absorto,
 Vinha elle em desfillada,
 Que a saude do porto
 Cré p'ra palacio mudada,
 E deixa o Pau da Bandeira,
 Galga do paço a soleira.
 Nosso camarada Fausto,
 Patriota sem melgueira,
 Sobe, sem folego, exausto,
 Da Conceição a ladeira,
 E mal descançado tem
 A' cavallo vae ao trem.
 Emquanto se assa um ovo,
 Mais ligeiro que um fuso,
 (Nelle isso não é novo;
 E' inveterado uso.)
 Correndo a redea solta,
 Vae ao arsenal e volta.

O povo que affluído
 Tinha, ao largo da Praça,
 Com as musicas reunido
 Em batalhões se congraça:
 E vae ebrio de prazer,
 Essas ruas percorrer.

Porem, emquanto á festança,
 Este povo se entregava,
 Que dolorosa lembrança,
 Em outros não despertava,
 Esses vivas, esse ardor,
 Augmentando a justa dor.

Que saudades tão pungentes,
 De quem foi, p'ra não voltar!
 Quantos amigos, parentes
 Nesta hora a prantear!
 Não desperta os sons ruidosos
 Dos vivas estrepitosos!

No outro dia, os *amaveis*,
 Foram em corporação,
 Ao *el-supremo*, *affaveis*,
 Render uma oblação,
 Oblação que *acerca della*
 Direi, foi uma balella.

— Dos Passos a procissão
 Foi mui bem acompanhada,
 Tendo na frente o guião
 E atraz gente fardada;
 O que hoje na cidade
 Não é grande novidade.

O *mandador* da brigada
 Não soube desenvolver-se.
 E' presumpção estragada
 Certa gente intrometter-se
 Naquillo que não tem geito
 E para o que não foi feito.

— Da fonte do Gravatá
 A agua toda fugiu.
 O povo zangado está
 Pela falta que sentia,
 Mas o nosso municipio
 As obras não deu principio.

— Este povo anda assustado
 Com a tal epidemia,
 Que a tantos tem mandado
 Descançar na terra fria,
 Só buscando com terror
 O boticario e o doutor.

Em xaropes e quinina
 Em rhuibarbo e pós de mico,

Arranjam ellos a mina
Aonde enterrar o bico,
E matam sempre o doente
Physica ou moralmente.

A PEDIDO.

- Capitão!
— Diga-se; mas não me masse.
— E' já.
— O Cara de todos os bichos, olhos de sapoca, passou a piassava no Candongas.
— Deveras?
— Ora si...
— Conte-me, que sou todo ouvidos.
— Pois ouça: certo menino finorio (apezar de magrinho) veio morar na Paroxia (isto de paroxia é do irmão Sapoca) e como é bastante entendido na cousa, o Sapoca entendeu-se com elle, e fizeram o diabo com os qualificados, etc. e tal.
— Que me diz, homem? V. é das Arabias... sabe de cousas...
— E' verdade.
— O que se segue d'ahi?
— E' que temos de ver o diabo puxado a seis no oitavo mez.
— E eu que tambem sei alguma cousa, digo-lhe que puxado a quatro; porque o Sapoca quer ser o 1º, o magrinho o 2º, o cabeça pellada o 3º, e o rusguento o 4º.
— E os outros?
— Ora, capitão; pois V. Ex. não sabe do

Pacto duro e injusto
Que com Lepido e Antonio fez Augusto?

— Agora sim; já lhe entendo...
Desta vez o Candongas damna-se... morde até a chinella da crioula... é bem feito... bem feito... fogo no Candongas...

Quem te mandou
Meu engeitado,
Ires beber
Com o coroad.

O palhaço do collegio.

Como o meirinho das citações (assim o chamam por zombaria os collegas de geographia) dissesse que era falso o ter

dito, que pão, manteiga o sorveja eram productos *naturaes* dos Estados-Unidos, provoca-se para que desminta pessoalmente seus collegas de curso; do contrario havemos continuar.

O animo do Villaça.

SONETO.

Sob os mesmos consoantes de um que vem na Opinião Liberal.

O Brazil, para estranhos *El-dorado*,
Cujos filhos estão chuchando o *dedo*,
Ha de dar em pantanas muito *cedo*,
Pois ninguem quer ouvir do povo *obrado*:

Encontrando ladrões de qualquer *lado*,
Vive o pobre mettido em tal *enredo*,
Qu'eu de n'elle viver já tenho *medo*
E não sei como por-me a *bom recado*.

Seu futuro vislumbre *ennegrecido*;
Suas glorias d'out'ora estão no *lôdo*,
E assim tudo o mais, si não me *illudo*.

E tudo isto tem elle *merecido*
Dos qu'o sangue lhe vão sugando a *rodo*,
Dos caudilhos do grupo — *barrigudo*.

JUVENAL.

(*Lynce.*)

VARIÉDADES.

DOUS AVARENTOS.

Um avarento que habitava em B... soube que havia um avarento em C... mais avarento que elle e capaz de lhe dar lecções nos capitulos da economia.

Poz-se a caminho para ir receber uma lecção daquelle grande mestre, e apresentou-se como um humilde noviço que desejava estudar sob a direcção de um superior.

— Sede bem vindo, lhe disse o avarento em C..., e para economisar o tempo, acrescentou, vamos direito ao mercado fazer as nossas provisões.

E foram a casa do padeiro.

— Tens tu bom pão? lhe perguntou o mestre avaro.

— Olé, muito bom, meus senhores, fresco e brando como manteiga.

— Tu ouves, disse o mestre ao discipulo. O melhor pão é comparado à manteiga. Devemos pois preferir a manteiga. Pois bem! ou tu paras muito, ou muito pouco, não os acharás um melhor que outro. Em todos os sentidos é mais prudente tomar-mos manteiga.

E dirigiram-se a uma loja de mercearia

e perguntaram ao caixeiro si tinha boa manteiga.

—Muito boa, respondeu este, é saborosa como o mais fino azeite de oliveira.

—Nota, disse o avaro ao seu hospede: a melhor manteiga compara-se com o azeite; por consequencia, é preferivel o azeite.

E caminharam logo a um armazem de azeite.

—Ha bem azeite?

—Tenho da melhor qualidade. E' branco e transparente como agua, respondeu o mercador.

—Repara bem, advertiu o avarento de C... ao avarento de B... Visto isto, a agua é o que ha de melhor. Ora, eu tenho em casa um grande balde de agua de que tu participarás em nome da hospitalidade.

Com effeito, quando entraram em casa, o avarento não offereceu outra cousa a seu hospede sinão agua, afim de lhe ensinar que a agua era melhor que o azeite, o azeite que a manteiga, e a manteiga que o pão.

—Louvado seja Deus! dizia o avarento de B..., não perdi de todo os meus passos!

CURIOSIDADE.

Para que os nossos leitores avaliem o grau de superstição e atrazo em que o clero lançou o povo, transcrevemos do *Jornal do Recife* n. 299 de 27 de dezembro do anno proximo findo, o seguinte documento que vae com o propria orthographia:

«PARA DOR DE DENTES—Ahi vai uma receita que achamos n'um *velho putuá* de beata:

«Benzimento de dor de dente

«Estava santa Pelonha no seu pendente de ouro fino chegou-lhe a virgem Maria quefendes pelonha uma dor de dente senhora queres que te cures ou que teomente sim sihora de Boa mente pello sol crescente pela Lua Minguante pello Menino deos que tenho em Meu ventre e nunca Mais te duciras dente, 3 Padre Nosso 3 Ave Maria 3 gloria Padre offereçida a sagrada Morte paixão de Nosso senhor.»

«PARA DOR DE DENTES E DE PONTADA—No mesmo *patud* encontramos mais esta:

«Oração ou Benzimento de dor de dentes e De dor de pontada

«Jesus e Jose ambos andava por nm caminbo Jesus Andava e Jose ficava dizia a Jesus a Joze Anda dizia Jose a Jesus senhor não poço didor Didente e didor dipontada seguem e as miuha Pizada que isto não é nada assim como eu Fiquei livre e sam e salvo das minhas 5 chagas Assim ficaraes tu livre e sam salvo di dor de deute edi dor de pontada. 5 Padre Nosso 5 Ave Maria 5 gloria Padre Offereçida os santos quexiuho do Menino deos.»

MAXIMAS DE CASAMENTOS PARA AS MOÇAS SOLTEIRAS.

Quem casa com militar
Tem bastante que atorar.

Quem casa com embaradiço
Vive sempre em reboliço.

Quem casa com estudante
Dá prova de extravagante.

Quem casa com caixeiro
Vive ao pé do candieiro.

Quem casa com negociante
Tem vida muito abundante.

Quem casa com carpinteiro
Soffre falta de dinheiro.

Quem casa com alfaiate
Não ha nó que não desate.

Quem casa com sapateiro
Quasi nunca tem bom cheiro.

Quem casa com laverneiro
Vive sempre no chiqueiro.

Quem casa com eserivão
Traz pulgas no coração.

Quem casa com demandista
Nunca mais levanta a crista.

A que casa com soldado
Fica logo em mau estado.

Quem casa com italiano
Chora seu mal todo anno.

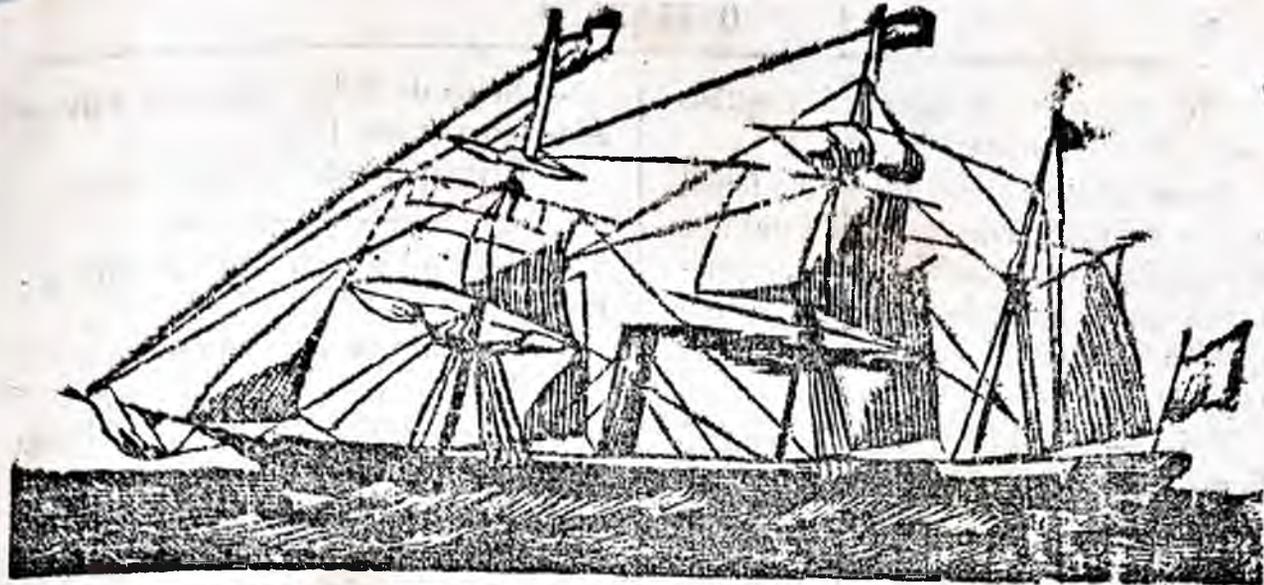
Quem casa com francez
Goza ventura um mez.

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já bem conhecido verdadeiro café muido puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n. 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, a 400 rs. a libra: previne se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicado.

No Bomfim, roça do tabellião Podreira França, precisa-se de uma ama para o serviço de casa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

18 DE MARÇO DE 1868.

SERIE 34.ª—N. 338.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de março de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, lembrando-lhe a urgente necessidade que ha de mandar cercar o cemiterio dos bois no engenho Retiro, afim de obstar que a immensidade de cães que infestam aquelle logar, cavem as sepulturas e desenterrem o gado, enterrado a superficie da terra como é, o que pode ser de grave prejuizo, neste tempo em que tanto se receia uma visita do cholera.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que o seu espião Evaristo anda prendendo moleques captivos, afim de exigir depois dos seus senhores dinheiro á titulo de soltal-os.

Não é possivel continuar, feito agente de policia, um homem que pertence a companhia do *olho-vivo*, o que muito bem pode informar quem o conheceu na freguezia do Pilar.

Espera-se que S. S., attendendo ao que acima fica dito, domitta esse mau

agente de sua policia, verdadeiro reu de policia.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Proprietarios de animaes soltos, pedindo uma indemnisação pelos serviços prestados pelos mesmos (animaes,) na limpeza dos largos do Terreiro, S. Bento, Piedade, Desterro, etc.—Informe a municipalidade.

—Eu gosto mais de ver obras do que de ouvir palavras.

—Ora, que duvida!

—O Sr. Dr. chefe de policia, que tão bons desejos tem mostrado de acabar com o quadro triste e feio da mendicidade pelas ruas...

—Desejos que são sinceros, creia.

—Não duvido. Porem já podia ter adiantado muito, fazendo uma obra de charidade.

—Qual é ella?

—Eu lhe digo.

No 1.º andar da casa n. 31, ás Portas do Carmo, jaz sobre um leito de dores, com os membros entorpecidos, estorcendo-se nas vascas da mais horrorosa miseria, uma desgraçada mulher, mãe

de tres meninas, a maior das quaes pode ter seis annos.

Essas infelizes, impellidas pela fome, sahem a implorar a ebaridade publica e vagueiam por essas ruas, apresentando aos olhos do estrangeiro um quadro deponente contra a nossa sociedade.

Habitadas em tão tenra idade ao officio de pedintes, essas creanças quando crescerem terão arraigados no peito todos os vicios que gera a ociosidade.

Não daria o Sr. Dr. chefe de policia prova de seus sentimentos humanitarios, remettendo essas innocentes creaturas ao Sr. Dr. juiz de orphãos e recolhendo a desgraçada mãe ao hospital da Santa Casa?

—Sem duvida.

—Pois isso é que eu queria ver, antes do que tanto elogio de gazeta, com que andam por ahi a atordoar os ouvidos de S. S.

—O Senhor do Bomfim está feito capa de velbacos.

—V. é um herege.

—Deus me livre.

—Sahe-se com tamanha impiedade.

—O que digo é que valem-se do nome do Senhor para traficar e especular.

—Ah! isso sim.

—O Porta-massa da cathedral enfronha-se em uma opa e sahe por ahi a esmolar para o Senhor do Bomfim da mesma igreja e á tarde vae dividir com um socio no corredor do Collegio o fructo de sua ganancia.

—E não é preciso licença para isso?

—Para dividir?

—Não, para esmolar.

—E'.

—E o que fazem os fiscaes?

—Mas, si elles tem licença?

—E então?

—A culpa é de quem concede a licença para essas especulações.

A Felicidade Vovó alcançou uma licença, elles bifaram-na e andam por ahi a illudir a piedade dos fiscaes.

—Meios de vida, cada um vale-se dos recursos que tem.

—Principalmente achando apoio.

—O povo bahiano está nos seus geraes.

—Contente, a mais não ser.

—A causa não é para menos.

—Infelizmente no meio d'alegria sempre apparece motivos de desgostos.

Alguns mal intencionados aproveitaram-se do regosijo do povo para commetter imprudencias.

Hontem, a noite quando conduziam o carro, houveram alguns disturbios, mais ou menos serios, principalmente um entre officiaes da guarda nacional.

—Isso é para deplorar n'um dia em que todos deviam se confraternisar.

—Isso mesmo foi pela força do exaltamento em que estavam os espiritos.

No domingo tambem alguns guardas nacionaes entraram no botequim do Terreiro e deram uma bayonetada no caixeiro.

—Porem diga-me quaes são as noticias, porque ainda estou em jejum a respeito.

—Mais ou menos são estas que vem n'um boletim de Buenos-Ayres:

«Os encouraçados chegaram a Assumpção sem nada acharem.

«Assumpção so com mulheres.

«O prefeito pediu misericordia.

«Regressou um monitor a buscar ordens.

«Lopez apertadissimo em Humaytá.

«Esperava-se solução brevissima.»

—Bom, bom, ja sei.

—Desgraçada terra, onde o mais safo canalha, o mais infame e immundo ralé, ratoneiro conhecido, inculcado agente de policia, vale-se dessa immunidade, para tambem querer tirar sua vindicta!

O Alabama tem fallado acerca de escamotages e ganancias praticadas pelo ratoneiro Evaristo, espião da policia da Bahia, como sejam: exigir esportulas dos Srs. de escravos fugidos que são presos pela policia, ou dos que vão á repartição se queixar de maus tratos,

prender pretos para soltar-os por dinheiro, ser subsidiado pelas casas de jogo, inculcar-se senhor dos segredos da policia para com isso transigir, etc.

Não havendo quem ponha cobro aos latrocinios de Evaristo, fica elle ufano e faz alardo quando a imprensa falla de seus feitos.

Ha poucos dias disse em uma venda que lhe haviam de pagar.

A vingança, foi prender, hontem, um escravo de um dos proprietarios da officina, onde se imprime esta folha.

Isto seria nada, si o maltrapilho moleque não tivesse a insolencia de ir para a porta do mesmo dizer— *que tinha prendido de proposito para lhe botarem no Alabama.*

Ajuize o Sr. Dr. chefe de policia por ali do character do seu agente, indo em tal character fazer provocações a cidadãos pacificos.

E permitta S. S. que aqui lhe façamos um appello, perguntando-lhe si não lhe causa nojo e asco o encarar a figura de tão repulsiva e hedionda creatura.

Que confiança pode inspirar tão desprezível ente?

Que conceito podem merecer as revelações feitas por elle, si sabindo da repartição elle vae denunciá-la por quaesquer cinco tostões?

Reflicta S. S. e faça o que entender.

—Capitão, vou ler uma bellissima poesia para V. Ex. ouvir.

—De quem é?

—Do Sr. Victoriano Palhares. Foi recitada em Pernambuco no dia 9.

—Leia, que isso deve ser papa fina.

Quem ruge? E' o povo, a lava

Que se arroja do vulcão,

A nodoa que negrejava,

Ja não é nodoa; é florão.

Das sombras de um pesadello

Resurge o Anteu mais bello

Com seu garbo varonil;

E o mundo ver-se-ha forçado

A repetir espantado;

—E o Brasil sempre é Brasil!!.

O Brasil é um mundo novo.

A mocidade explosão.

So Deus amortalha um povo,

No esquisito de uma nação.

Quando se tem por diadema

A estrella d'alva suprema

Calcam-se as nuvens aos pés,

Que é Deus quem toca alvorada

Da gloria predestinada,

A espada dos Josués.

Os pampas gemem! Quem passa
Na correria infernal!

E' o condor que traspassa

Com a bandeira imperial!

E' Caxias, é a gloria,

E' o soldado — victoria,

Que vae vingar a nação;

Gravando a ponta do gladio,

O brasileiro paladio,

Sobre o peito d'Assumpção.

Hosanas! Vence o direito!

Vae o tyranno cahir.

Quem tem coração no peito,

Tem labio para applaudir.

Somos todos brasileiros;

Corram livres altaneiros

Os gritos do coração.

O povo é o primeiro athleta;

O povo é o melhor poeta

Sendo Homero é Salomão.

—Bravo, bravo.

—Capitão, dou-lhe os parabens! . . .

—De que?

—V. Ex. não sabe que estamos de posse d'Assumpção e que talvez á essa hora tambem já esteja em nosso poder a fortaleza de Humaytá.

—Ja sei de tudo isso.

Compete-me tambem dar-lhe os parabens!

—Oh!

Tem visto as demonstrações do povo.

—Achava melhor que tudo isso ficasse para quando viesse a noticia do *ultimatum*.

—Muitos vivas, muitos foguetes, etc.

—Quantos foguetes sobem, quantos vivas se dão, como quantas lagrimas eu derramo.

—Mas isso é celebre!

Pois então V. Ex. chora quando to-

dos riom-so, dão vivas o applaudem os feitos dos bravos, que compõem o nosso exercito e armada em operações no Paraguay?

— E' verdade! Choro a sorte da infeliz espoza a quem a guerra trouxe-lhe a viuvez; choro a desgraça da viuva que perdeu seu filho unico arrimo; choro o infortunio da donzella que ficou sem seu irmão, unico abrigo que tinha; choro a infelicidade da innocente creança, para quem a guerra trouxe a orfandade; choro a desventura do octogenario que a guerra roubou lhe o unico filho que tinha para trabalhar para sua subsistencia; choro finalmente a sorte dos que derramaram seu sangue em defesa da patria, que por ahi já andam mendigando o pão da charidade publica!

E' preciso notar que ainda a guerra não acabou-se e ja se lastima tanta desgraça!

— Mas tenha fé no governo que ha de encher todas estas lagrimas e asy-lar os invalidos da patria.

— Deus o permitta que o governo cumpra a suas promessas!

— Ha de cumprir!

— Afogou-se um preto.

— Onde?

— Cabiu da companhia Bahiana.

— Ah isso foi a semana passada.

— Mas como eu não vi as gasetas grandes noticiarem, estou lhe dando parte,

LA VAE VERSO.

UM SONHO PATRIOTICO.

Eu tive um sonho esta noite,
Que de Solano o acoite
Cedia em campos de Marte;
Que o estandarte d'Assumpção.
Rojando humilde no chão
Beijava o nosso estandarte.

Que Lopez, impio, tyranno.
Por um decreto soberano,
Tinha perdido a batalha!
E vi Assumpção arrazada
Por uma nuvem carregada
De brasileira metralha.

E sonhei que os generaes,
So da fama nos annaes
Eram os cobardes de la! . . .
Em quanto os soldados pobres,
Pelejavam por mais nobres.
Pizando sobre Humaylá.

E vi somente soldados,
Aguerridos denodados
Darem gloria ao paiz;
Heroes da lucta na scena,
Como os guerreiros de Iena
Como os bravos de Austerlitz

J. M. R. d'Almeida

SONETO.

Oh, Lopes, grande heroe na zoolatria,
Carapio de fardão, chapeu armado,
Olvidas que bem podes ser surrado,
Por premio dessa vil grande ousadia?

Esperaes, fanfarrão, que o mundo ria
Si o fim que te prevejo é acertado,
Sem vendo-te a um poste amarrado
Divindo ao som do açoite, noite e dia.

Melhor fóra que tu, ente felpudo,
Possesses na mochilla o fardamento,
O orgulho mettendo n'um canudo;

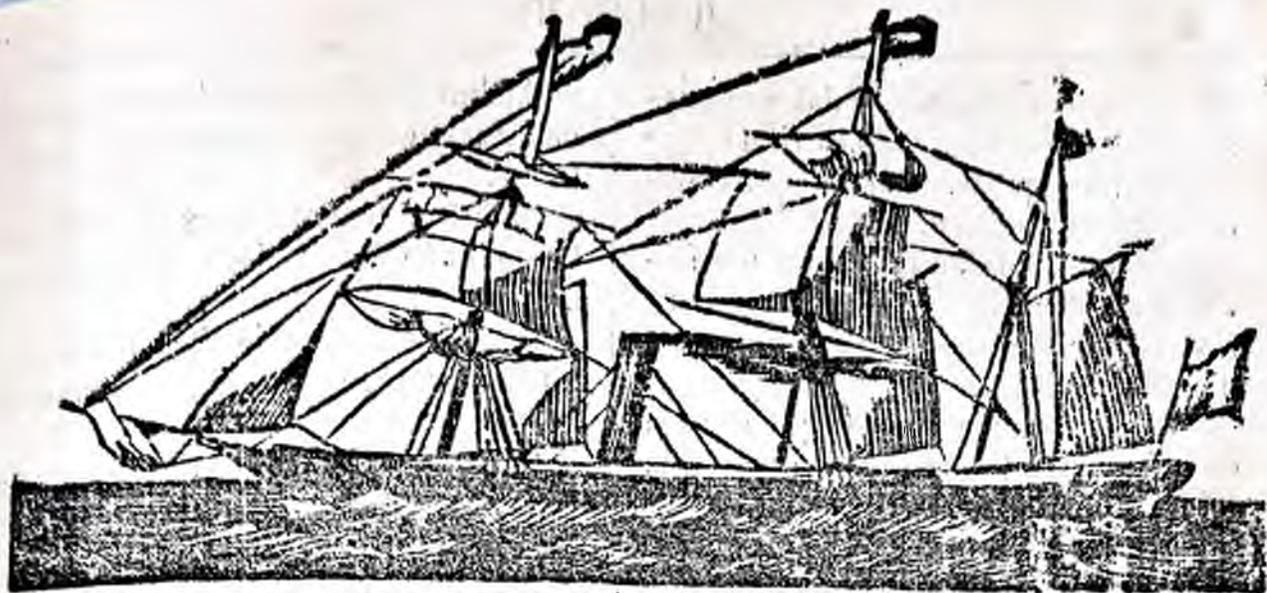
Reunisses a malta e n'um momento
Contra o negro Plutão, fosses d'escudo
Obrigal-o a sabir, tomar assento.

ANNUNCIOS.

O coronel Tranquilino gratifica generosamente a quem lhe entregar a copia de uma carta que o mesmo dirigiu a uma das eminencias do paiz, narrando seus soffrimentos e descobrindo certas melgueiras do partido conservador, copia que lhe foi subtrahida do bolso, pela companhia do olho vivo, no domingo 7, na igreja de S. Domingos, por occasião do alvoroço a que deu lugar o desrespeito de se esbofetarem as mulheres no templo do Altissimo.

Quem precisar de uma pessoa de conducta affiançada, bonita figura e muito carinhosa, para tratar de crianças, procure na venda n° 12 a rua do Collegio, que se lhe indicará quem é.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

21 DE MARÇO DE 1868.

SERIE 34.—N. 339.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs, por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 20 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do matadouro publico, participando-lhe que em S. Francisco de Paula ha um talho, cujo cortador vende a carne por mais um vintem em libra do que o preço marcado na tabella, ás pessoas que não sabem ler, e como seja isso um abuso de confiança, pede-se a S. S. providencias.

Para maior esclarecimento declara-se que o talho pertence a um Sr. alferes Cyrillo.

—A sociedade dos Veteranos sahiu-se com uma boa idéa.

—Qual é?

—Deliberou no dia em que chegar a noticia da terminação da guerra, não só fazer em frente á casa de suas sessões um arco, que será illuminado, como convidar a todos os mutilados na actual campanha do Paraguay para um lunch, que será servido pelos mesmos Veteranos.

—E' uma lembrança de merito, digna de ser applaudida.

—Então vivam os Veteranos da Independencia!

—Vivam!

—Estão nomeadas as commissões para promoverem os festejos, que se tem de celebrar quando terminar a guerra.

—Isto é, para agenciarem dinheiro para os festejos.

—Sim Sr.

—E eu acho bem mal entendido.

—Como?

—Porque sou de opinião que esta festa devia pertencer unicamente ao povo.

—Explique-se.

—A meu ver, a commissão central devia compor-se de homens que podessem gastar.

—Como de facto são.

—Bem.

A missão das commissões das freguezias devia cifrar-se a exhortar os moradores a illuminar suas casas. Quanto a arcos, etc., o governo, que gasta tanto dinheiro superfluo, que decretasse uma cifra, a qual, reunida ao

que dêsem os membros das commissões, chegaria para tudo e evitaria que n'uma festa que é só nossa, entrasse o dinheiro estrangeiro.

Eu sou de opinião que antes um festim modesto á custa de nossos recursos, do que um ostentoso apparatus com o dinheiro alheio.

—V. o que quer é evitar que se peça dinheiro a muitos sujeitos, que eram tidos por affectos á causa paraguaya.

—Justamente.

Esses Srs. das commissões todos não hão de querer ter sua commenda? Pois gastem tambem alguma cousa do seu. Para isso é que são os homens publicos e não para se empavesarem nas janellas de palacio e depois serem galardoados por seus relevantes serviços em relação á guerra.

—V. tem idéas que, apesar de excéntricas, não deixam de ser aproveitaveis.

—O *Diario* disse que estava authorisado para declarar que Evaristo Solano não é empregado na policia.

—Mas então, para que consentem que elle se aposente na porta da repartição, para com isso fazer crer que é alli agente e por esse meio andar fazendo extorsões e exigindo subvenção das casas de jogo?

—Si elle não é alli empregado commette um abuso, que devia ser punido, arrogando-se esse titulo para d'ahi tirar proveito.

Todos os que o veem alli tão cabido, acreditam piamente que elle é da confiança e para não ficarem mal com elle, cedem ás suas exigencias.

—Depois é sabido que elle prende por sua conta e risco, faz chamados á mandado do chefe, etc.

—E é subvencionado com 15\$ rs. mensaes.

—Ora, então pecegos para a tal declaração.

—E o Evaristo que continue, que está garantido.

—Que noticias ha do Sul?

—As seguintes:

Houve promoção na marinha. O bra-

vo Arthur Silveira da Motta está capitão de fragata com a pensão annual de rs. 960\$.

Capitães tenentes os 1.^{os} tenentes Custodio José de Mello o Antonio Joaquim.

O pratico Fernando Elebebarue capitão tenente, com 960\$ rs. annuaes de pensão

Os praticos Luiz Ferreri, Joaquim do Araujo, o Manuel Presumo primeiros tenentes.

O dito do monitor *Alagoas* Santiago Ovicide 600\$ rs. de pensão annuaes e primeiro tenente.

Por decreto n.º 4,118 foi creada uma medalha commemorativa do forçamente de Humaytá, que será pendente de uma fita com tres listras iguaes, sendo a do centro azul celeste e as das orlas escarlate.

Publicou-se o decreto n.º 4.117 determinando que o vapor *Amazonas*, os encouraçados *Barroso*, *Bahia*, *Tamandaré* e os monitores *Alagoas*, *Pará* e *Rio Grande* tragam içados no mastro de proa, a fita do Cruzeiro a qual nunca arriarão, ainda quando no mesmo mastro tenham de bastear qualquer bandeira ou distinctivo de chefe, e fixem no centro da roda do leme a venera de official da mesma ordem.

—E mais que?

—Festas e mais festas.

Festa pelo baptismo do principe que foi a 14; festa pela noticia da guerra, a proposito da qual, diz o *Messias Politico* em um recommendavel artigo:

«Tanta festa!

«Para que tudo ja?

«Não era melhor guardar alguma festa para o resto da festa?»

—Publicou-se o *Progressista*, orgão das ideias da situação dominante.

Saudamos o novo campeão o desejamos-lhe longa vida.

—A seita *juvinatica* progride.

—A *guta-percha* tambem faz progresso.

—Apesar da notavel differença que ha entre os pequenos que vão ao jury e

são condemnados, e os grandes que ficam incolumes, augmenta maravilhosamente.

- Ha caso novo?
- Um apenas.
- Quem é o proselyto?
- Um caixeiro do commercio.
- O nome?
- Mais logo.
- Esta gente do commercio gosta muito de *variar*.
- E alguns são desabalados.
- Mas o neophyto?
- Pagou com 100\$ rs. o tirocinio.
- Caro!
- Nem por isso.
- Não diga.
- Nunca vi uma passagem para as Quintas mais barata.
- Então morreu.
- Não, zombou.
- O estrangulamento foi grande?
- Horrivel.
- De não deixal-a dar um passo.
- Que desalmado!
- E o caso é que elle está fresco como uma salada.

LA VAE VERSO.

SCENA DOMESTICA.

MARIDO, zangado.

E inda ha homens
 Que querem casar!
 Quem póde, co'as modas,
 Mulher aturar?!
 Quer bojo um vestido;
 Quer outro amanha;
 Quer chaes de lã,
 Quer capas de sêda;
 Quer leques, quer luvas,
 Quer meias, quer saias,
 Quer fitas, quer rendas,
 Requifes, cambraias,
 Quer mais um colete,
 Quer voltas, pulseiras,
 Quer quantas asneiras
 Que a França cá mette,
 E o pobre marido
 Tudo ha de pagar!
 Quem pode co'as modas,
 Mulher aturar?!

MULHER, com meiguice,

Xiquinho, socega...
 P'ra que te zangar?
 Não peço mais nada
 P'ra não te enfadar!...
 Por hoje se quero
 Me dês um fichú,
 P'ra irmos ao bailo
 De dona Lulú...
 Depois um balão,
 Botinas, toucados,
 Corpinho bordado,
 Chapéo, *mulatinha*,
 P'ra ir ser madrinha
 Do meu afilhado...
 Mais tarde, domingo,
 Verei com vagar,
 O mais que p'ra festa
 Preciso comprar.....

MARIDO.

Quem pode co'as modas,
 Mulher aturar?!...

LOGISTA. (mettendo-se na questão, para acommodar.)

A senhora...tem razão;
 O senhor...tambem a tem:
 Mas o mal não está na compra
 Está em não comprar bem.

Quem compra nas *outras* lojas
 Sem do preço estar ao facto,
 Leva formidaveis *buchas*
 Suppondo comprar barato.

Porem o senhor Fulano,
 Sendo só nosso freguez,
 Gastará menos n'um anno
 Do que gastava em um mez.

A PEDIDO.

— Uma familia, cujo chefe é a parentado de certo magistrado, está por isso authorisada a insultar outra familia que lhe fica fronteira?

— Não.

— E não só insultar de dentro de casa, como até aproveitar-se de um encontro no templo para escarnecer o dirigir doestos pouco proprios de quem deve ter tido alguma educação, como praticaram na Sexta-feira de Passos na egreja d'Ajuda.

— É reprehensível tal procedimento.

— Pois uma vez que o ser irmão do juiz de *uma vara* qualquer, não dá direito a injuriar e ridicularisar ninguém, si essa familia continuar no seu mal feito; tomo a meu cuidado publicar-lhe o nome.

— Está no seu direito.

O palhaço do collegio.

Como o meirinho das citações (assim o chamam por zombaria os collegas de geographia) dissesse que era falso o ter dito, que pão, manteiga e serveja eram productos *naturaes* dos Estados-Unidos, provoca-se para que desminta pessoalmente seus collegas de curso; do contrario havemos continuar.

O animo do Villaça.

AO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA.

Peço a S. Ex. se digne de dar um despacho, qualquer que for, ao requerimento (replica) do Sr. Antonio Soares de Albergaria; o qual foi depositado no lugar competente, ha mais de quinze dias. Inda recceio ir, pessoalmente, encommodar a S. Ex.

Zacharias Nunes da Silva Freire.

Felicidade Perpetua de S. José, declara que é sem sua authorisação, que andam tirando esmola para o Senhor do Bomfim, venerado na cathedral, com uma licença em seu nome.

A licença foi-lhe subtrahida, e por isso declara que nenhuma responsabilidade tem sobre o mau uso, que fazem dos donativos com que a charidade dos fideis concorrem para o culto do mencionado Senhor,

Bahia 20 de março de 1868.

VARIIDADES.

MORREU O NEVES.

Diziam os antigos que, depois da descoberta da terra da Santo Cruz, hoje imperio do Brasil, se embarcaram na Europa com destino ao novo continen-

to tres altas personagens; eil as — Boa-fé — Justiça — e Ambição

Depois de meia viagem, na altura da linha, jogavam ellas o voltarêto quando se altercaram de rasões, passando a vias de facto.

Da contenda resultou cahir no Oceano e afogar-se — a Boa-fé; — a Justiça perdeu um olho, ficou torta; e a Ambição, que tinha sahido triumphante da peleja, com receio de ser prêza, logo que aportou, refugiou-se na igreja, onde fez morada perpetua.

RECAPITULAÇÃO LOGICA.

A boa-fé — morreu
A justiça — ficou torta
A ambição — está nos templos. Morreu o Neves.

EXPERTESA DE UM CRIADO.

Um criado muitos simples tendo sido mandado por seu amo á casa de um dos seus amigos para lhe levar dous figos muito grandes, acompanhados de uma carta, comeu um no caminho; porém o amigo informando que eram dous, pediu-lhe o outro.

— Comi-o! lhe disse o criado,

— E como fez isso?

O criado pegando no outro e engolindo, respondeu:

— Foi assim.

ANNUNCIOS.

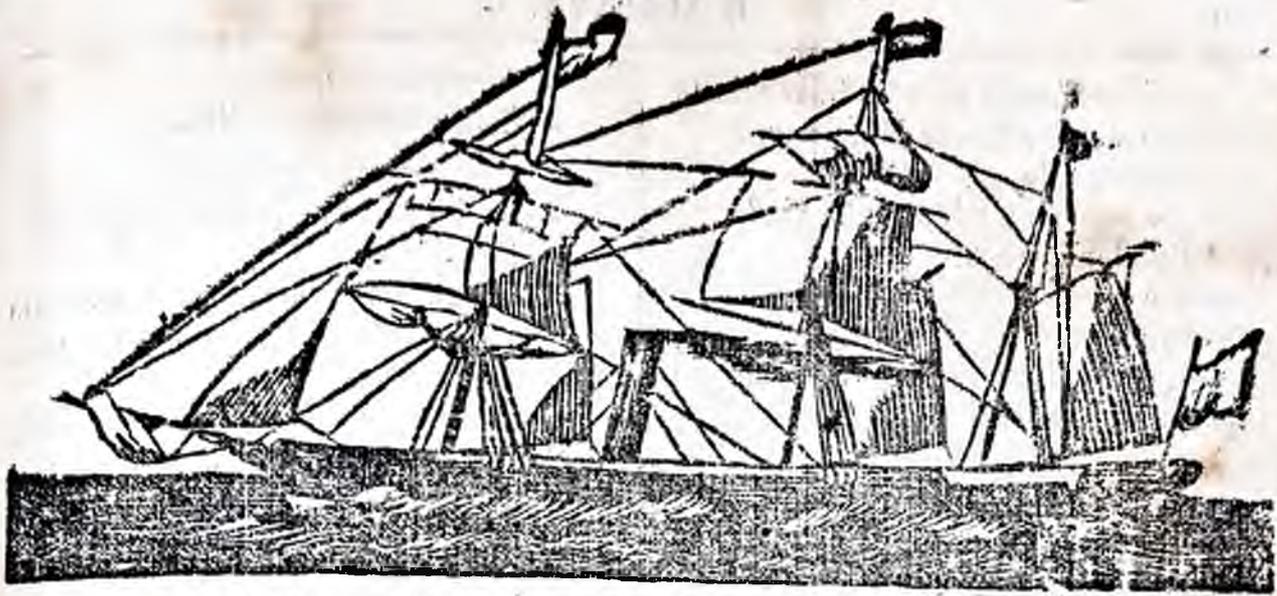
VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já bem conhecido verdadeiro café muido puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n. 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico — *M. José d'Azevedo* — faltando o qual, deixa de ser dos logares indicado.

Curso nocturno de instrucção primaria para adultos.

Na baixa dos Sapateiros n.º 8.

Quem pretender uma loja a ladeira do Taboão, propria para negocio com armação, dirija-se a mesma ladeira n.º 64 D, que achará com quem tractar.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

24 DE MARÇO DE 1868.

SERIE 34.ª—N. 340.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 23 de março de 1868.

Portaria ao muxingueiro, ordenando-lhe que vá prevenir á certa *menina feliz*, que pelos gestos se assemelha a uma verdadeira *pata choca*, que comporte-se em termos, si quer morar entre gente honesta, por que, do contrario, será recambiada para o becco do Piquete, d'onde veio, e recommendada a vigilancia do chefe daquello districto Anninha Quiabo duro. Cumpra.

—A rua de Baixo, essa estribaria publica, como muito bem a denominou o Sr. Portella, é uma vergonha para esta terra.

—Custa a crer que, em uma cidade como esta, onde ha uma camara municipal, composta de homens que se dizem amantes de sua terra e dedicados ao bem publico, e que como taes cabalaram com unhas e dentes para galgarem o logar que occupam, se presencio tão lastimavel deleixo.

—A companhia de Vehiculos, tomou conta da rua e reduziu-a a um lamaçal immundo, e a camara fecha os olhos, ou faz que não vê.

—A camara não tem dinheiro para mandar tapar os buracos.

—Mas tem força, si quizesse, para fazer cessar o escandalo.

—D'onde vem tão suado?

—Do matadouro.

—Viu por la alguma cousa?

—Um caso apenas.

—Conte-me.

—Na ultima matança, esfollou-se um boi, cuja carne bastava olhar, para ver que não estava boa; na bexiga tinha o boi uma enorme bolsa de sangue.

—Foi condemnado?

—Qual!

O administrador da camara disse que aquelle boi era doente, e que por tanto não devia ir para o consummo, mas o dono saltou com quatro pedras na mão sobre elle, chamando-o de intruso e o homem metteu a viola no sacco.

—E a carne?

—Ora dá-se!

— Foi mandada para os buxos deste respeitavel e condescendente povo?

— Que duvida.

— E o superintendente não viu?

— Que lembrança!

— E o medico?

— Ora viva!

— E com vivas vae o povo comendo carniça sem pensar!

— Que cheiro nauseabundo!

— São bellezas da nossa municipalidade.

— Com este calor, estes tres charcos profundissimos, não é para menos.

— Admira como mora gente em tal rua!

— Como se chama ella?

— Não sei: fica entre a ladeira da Poçira e a Fonte Nova do Desterro.

— E as commissões sanitarias andam correndo casas particulares, sem verem este foco de infecção aqui aos olhos de todos!

— Não ha nada mais incorrigivel do que esta companhia do Gaz!

— Quem acha pau faz colher.

— E os taes accendedores são exactissimos em secundar-lhes o abuso.

— O da rua do Collegio leva a palma a todos. Em dando quatro horas da manha, não deixa um lampeão acceso!

— Na hora em que justamente mais se precisa; porque é quando os operarios sahem para suas occupações.

— Que precipicio!

— O infeliz, que cahir neste abysmo insondavel, está com carta de seguro para a outra vida.

— Destamparam o cano com a obra que fizeram e o deixaram de bocca aberta, para engolir o desgraçado que tiver a má estrella de approximar-se d'elle inadvertidamente.

— E com a illuminação que temos, a qual si nas ruas transitadas é pessima, quanto mais aqui na Fonte Nova do Desterro!

— E' preciso tapar este abysmo.

— A quem se dirige?

— A quem compete.

— Está clamando no deserto.

— Rocha Lima anda fazendo proezas.

— Elle pode.

— Chega nas quitandas e arrebatadas pobres ganhadeiras o que pode pilhar e vae-se.

— Hontem entrou n'uma casa, á rua de Baixo, onde só havia uma preta e quoria invadir o interior para *gadanhar* o que achasse. Si não são os cocheiros dos Vehiculos fazia das suas.

— A cidade está cheia de bebados insolentes, larapios e malucos.

— Anda por ahi uma preta douda com uma caçarola a ameaçar a todos que encontra. Um dia destes fez a *derrota* em casa do Sr. Freitas á Calçada.

— E o que me diz do decantado Mathias?

— E' o bebado mais atrevido e de linguamais viperina que tenho visto; arreja as calças no meio da rua, á vista de qualquer familia, para satisfazer as necessidades corporaes.

— E o que admira é que actualmente as ruas desta cidade são povoadas por uma escolta de policia.

— Tambem anda ahi um infeliz menino, privado do senso commum, filho do official de justiça Xavier, a quem os moleques atanazam com o appellido de *maluco* e elle desesperado joga pedras á direita e á esquerda, em risco de ofender alguém.

— Ha outro tambem: um *invalido da patria*, a quem o desespero faz embriagar-se e proromper nas mais insultuosas e obscenas palavras contra o governo em vozes, que vão retumbar no centro das familias.

— Pode-se dizer que é uma cidade de doudos, esta nossa.

— E de tropiantes.

— O *Messias Politico* é quem diz isto:

«*Um ministro previdente*. — Uma accusação bem pesada paira por sobre a cabeça do Sr. Zacarias. Diz-se que de 8 mezes á esta parte S. Ex. tem mandado por sua conta para o banco de

Inglaterra cerca de 200:0000\$000 em ouro, servindo-se para fazer silenciosamente esta operação, da sua qualidade do advogado do banco inglez n'esta praça, o qual realisou essas transacções com tal cautela que, a não ser uma eventualidade que não podemos divulgar, ainda seriam ignoradas. Ora, sendo sabido que a fortuna do Sr. Zacarias está mui longe d'aquella avultada somma, cumpre que S. Ex. não se demore em explicar este negocio, porque o boato vae surdamente correndo, e as consequencias devem ser bem tristes para elle, e para o paiz.

LA VAE VERSO.

O FRANCEZISMO.

Tudo tem mudado os nomes,
De ha certo tempo p'ra cá,
Ate os pais de familia —
Se chama — *maman*, *papà*.

O tremo hoje é *console*,
Tete-a-tete o canapé;
Etageres as prateleiras;
Dansa á noite é *soirée*.

Ja de ha muito se chamava
Ao carro *cabriolet*,
Ao barrete, *carapuça*,
E mesmo á gorra, *bonet*.

Mas hoje sobe de ponto,
Parece mesmo mania;
E' a botica *pharmacia*,
A tenda *mercearia*.

A taverna é *armazem*,
Hotel hospedaria:
Chama se *talho* ao açougue,
Imprensa é *typographia*.

O antigo sangra-burros
E' hoje *veterinario*;
O barbeiro maldizente
E' *artista capilario*.

E' *porte monnaie* a bolsa,
Termo tão vulgarisado,
Que usa delle o pobre, o rico,
O marujo e o soldado!

Hoje é chamado *thesouro*.
O que d'antes era *erario*;
Ao que era moço de rodas
Hoje chamam *trintanario*.

A antiga sego é *coupé*
A carruagem *caleche*,
Aos vidros dos castiçoes
Appellidam de *bobeche*.
Dog cart o *char-à-banes*,
Victorias, *americanas*,
Tê *irmans de caridade*,
Chamam hoje as *traquitanas*!

A renda feita de agulha
Dá-se o nome de *erhochet*;
A manta abafa pescocoç
Denominam *cache-nez*.

Ao nossa artigo fustão
Dá-se o nome de *piqué*;
As coifas feitas de rede
Capitulam de *filet*.

Chamam *soutache* á trancinha
A seda fraca *foulard*,
Chamam *passemanerais*
Ao mais pequeno alamar.

Aos officios chamam *artes*.
Ao dinheiro *numerario*;
Ao que só gasta o que tem
Dá-se o nome de *usurario*.

Todos chamam *rendez vous*
Ao encontro combinado;
E' o esturdio *janota*,
Focil o pobre e honrado.

Chamam *rouche* a sita crespa,
Sêda com lustro *glacée*,
Ao antigo gorgorão
Appellidam de *moirée*.

Tudo supporto e tolero;
So me fazem confusão
Os nomes que actualmento
A's novas fazendas dão:

As fortes são *poil de chevre*,
Alpacas e *popelinas*;
Chamam as outras mais fracas
Mozambiques e *lustrinas*.

Ai! men Deus, que francezismos,
Nem cabem neste papel;
Isto ja não é cidade,
E' labyrintho, é Babel! ?

A PEDIDO.

— «Sr. Dr., V. Ex. não pode deitar seu cavallo aqui debaixo dos arcos.

— «Hei deixal-o aqui mesmo.

— «Mas eu tenho ordem da camara para não consentir so metter cavallos aqui para dentro, pois ella está mandando preparar isto para quando chegar a faustosa noticia da terminação da guerra.

— «Porém eu posso botar porque sou deputado.

— «Então suppõe V. Ex. que por ser deputado tem direito de fazer o que quizer?

— «Por força! V. não sabe que os deputados são os representantes da provincia?

— «Si os representantes da provincia tivessem o direito de fazer o que quizessem, era a cousa melhor que havia.

«Era mesmo que habitar em um paraizo de rosas!»

— «Ora veja que bobo! Está alli tanto tempo a massar o mestre pedreiro, só a dizer que é deputado.

— «A ordem é de não se metter alli cavallos; mas como é o cavallo de um deputado, ha de entrar quero porque quero!

Esta minha terra tem cousas!

A ruina presentemente
Do imperio brasileiro,
E' não haver sapateiro
Que não seja o—sôr tenente!
A honra de uma patente,
Loucamente confiada,
Faz com que a patria amada
Não tenha o valor que deve,
E, si assim vae, em breve
Não prestará para nada.

De males esse tropel,
Vem do filho do celleiro
Que mal serve p'ra carreiro
Querer ser —sôr bacharel.
O filho do alvanel,
Aspira a um pergaminho,
Embora mui comesinho
Seja o seu entendimento;
Mas dos cobres o portento
Põe-lhe o saber no focinho.

Quem quizer ganhar dinheiro
Vá ao Maciel de Cima
Em casa de Janina Ferreira,

Que tudo bom ella ensina,
E' moça d'um padre limpo,
Anda ás vezes de capona,
E debaixo della mesmo
Conduz gallinhas mortas,
Que vae deitar pelas portas.
De quem vive socegada,
Porque esta arrenegada
Que nada tem a fazer,
Si ha de viver desta sorte
Seria melhor morrer.

VARIETADES.

CHARIVARI.

Um progresso notavel:

Os jornaes estrangeiros annunciam uma nova invenção para a guerra, mas de um caracter verdadeiramente phylantropico,

Ouviram fallar da bomba narcotica?

Pois descobrio-se um gaz, que se escapa lentamente da bomba e se espalha a quinhentos ou seiscentos metros de circumferencia.

Este gaz è mephitico; não mata porem adormece.

A explosão da bomba que o contem não produz estampido. Cabe no meio de um regimento, ninguem nota nella, salta a rolha, sahe o gaz e todos os que o respiram adormecem com o somno do jasto.

O torpor dura vinte quatro horas, nem mais nem menos.

O exercito inimigo so tem que cuidar em desarmar os dormentes e colloca-los em vagons, como se fossem cordeiros.

Destroe-se um exercito sem ser necessario matar um homem.

CAREMBURGO.

—O Sr. compra-me uns santos? (perguntava um individuo a um santeiro).

—Vendo-os....(respondeu-lhe o santeiro).

—Pergunto-lhe se compra....

—Ja lhe disse, vendo-os....

—O senhor manga comuigo?

—Oh homem, como quer você que eu lh'os compre sem os ver.

PERCUNTAS INNOCENTES.

—Em que se parece um preguiçoso com o sol?

—Em que este se não move.

—E um embriagado com a terra?

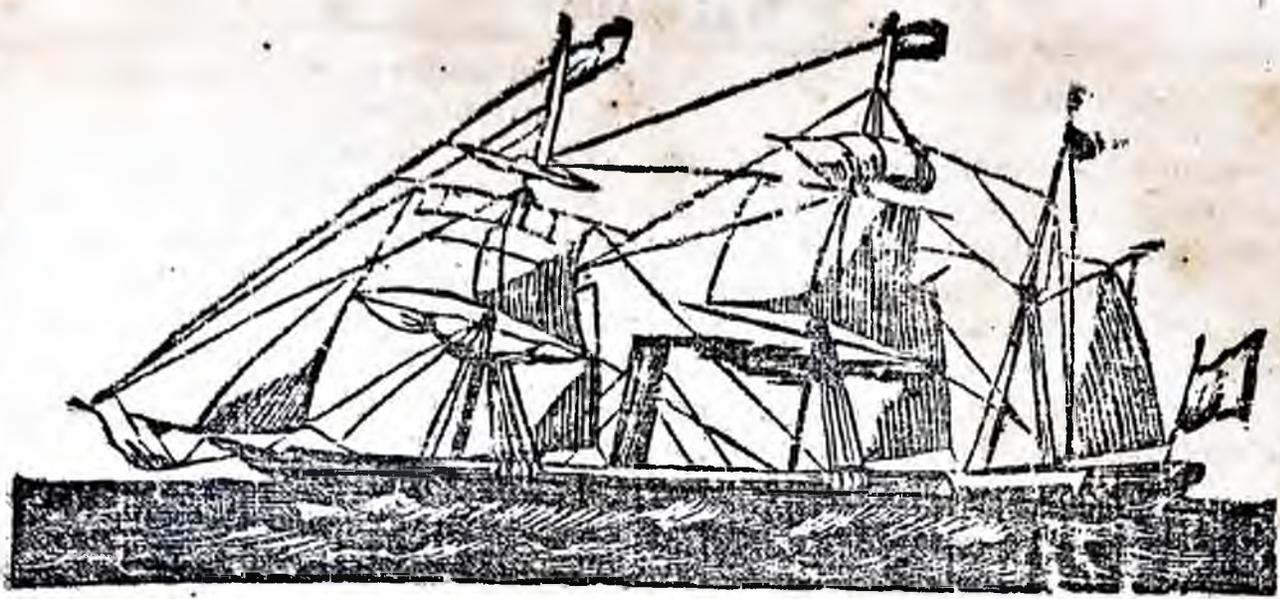
—Em que dá voltas.

—E as mulheres com as paredes?

—Em que estas se branqueiam.

—E um calumniador com o azeite?

—Em que este macha.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^ª
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 35.

BAHIA

27 DE MARÇO DE 1868.

N. 341.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
26 de março de 1868.
Não houve expediente.

—A Sociedade dos Veteranos faz um ap-
pello a todos os seus velhos companheiros de
armas.

Aquelles que quizerem concorrer com seu
obolo para o festim que se ha de celebrar,
quando terminar honrosamente a guerra, o
poderão fazer, mandando leval-o a casa de suas
sessões, visto como não é possível dirigir con-
vite a todos, muitos dos quaes se acham es-
palhados pelo interior da provincia.

—Sim Sr., está direito.

—Atirou-se ao dique uma infeliz mulher,
a qual foi tirada em estado de putrefacção.

—Talvez os effeitos de um duro captiveiro
a levasse ao desespero de pôr termo a sua exis-
tencia.

—E' provavel.

—Remettida para o hospital, até hoje ao
meio dia não se fez corpo de delicto e nem se
sabe quem é.

—Sepultou-se hontem no cemiterio do
Campo Santo o brigadeiro Francisco Telles
de Carvalho Menezes e Vasconcellos.

Character independente, probidade imma-
culada, dedicação até o sacrificio por seus
amigos, eram os dotes que ornavam o illustre
finado.

Morreu pobrissimo, tendo servido a seu
paiz 53 annos não interrompidos; princi-
piando a sua carreira militar na guerra da In-
dependencia, sendo distinguido com o posto
de official no ataque de 8 de novembro de
1822, no Cabrito.

E' mais um bravo, que, depois de ter dado
á patria o que de mais precioso tinha—o
sangue, acabruhado pelos desgostos da vida
succumbiu legando apenas a honra e a po-
breza.

Depois de tantos e tam relevantes serviços,
depois de dedicar desinteressadamente toda
a sua vida a patria, pela qual estremecia,
morreu esquecido e sem uma recompensa do
governo, tendo por trophéu de suas 8 glorias
13 cicatrizes que lhe ornavam o corpo; não
deixando até com que se lhe fizesse o enterro
para o qual deu-se apenas uma quantia ridi-
cula, entretanto que a outros em differentes
condições se dão sommas avultadas.

Seu enterro foi limitadissimo dos amigos
que rodciam o homem no fastigio social.

Ao escrevermos estas curtas e mal traça-
das linhas á memoria do fallecido a quem
desejamos descanso eterno, damos os nossos
sentimentos ao seu conatigo e illustre irmão
o Sr. coronel Joaquim Antonio da Silva Car-
valhal.

—Chegou vapor do sul.

—Ja soube.

—Parece que as commissões de festejos tem esperar algum tempo antes de ter occasião de mostrar seu patriotismo.

—Deixemo-nos disso vamos as noticias.

—Diz o *Jornal do Comercio*, que Lopez sentindo-se agonisante, quiz ainda tentar um lance desesperado, repetindo em maior escala a louca tentativa ja apprehendida contra o monitor *Alagoas*.

Preparou umas 50 canoas, mais ou menos, metteu-lhes dentro uns 800 paraguayos armados de machados, espingardas e espadas e na madrugada de 2 do corrente enviou-os a abordar os nossos encouraçados entre *Curupaity* e *Humayta*.

A respeito diz uma correspondencia da esquadra para o mesmo *Jornal*:

«Seriam tres horas da madrugada de hontem, quando o escaler que rondava pela frente dos nossos navios da vanguarda, abalroou de repente contra um grande *camalote* (especie de macegal fluctuante), que corria aguas abaixo. Desse encontro, resultou, porém, reconhecer o nosso escaler que desta vez o tal *camalote* era de contrabando e envolvia em seus flancos varias canoas paraguayas repletas de gente, que vinha toda agachada e encoberta por ardilosa folhagem.

Descobrir a emboscada e volver a toda a força de remos para o primeiro navio da vanguarda, o *Lima Barros*, foi obra de um momento para o escaler, mas que ainda assim, apenas adiantou alguns minutos ao inimigo, que quasi immediatamente abordou o valente navio. Não o fez, porém, já de surpresa.

O chefe da divisão, capitão de mar e guerra Rodrigues Costa, o commandante do encouraçado, capitão de fragata Gracindo, e todos os seus officiaes tinham já subido á tolda e feito a guarnição descer para os seus postos. Infelizmente o bravo Costa ao voltar da prôa foi envolvido pelos assaltantes e logo trucidado, e o Gracindo ao recolher-se a torre de ré levou uma cutilada que o deixou gravemente ferido.

Cerca de 400 Paraguayos pejaram então a tolda do *Lima Barros*, e o mesmo succedia ao *Cabral*, cuja guarnição, comtudo, prevenida mais a tempo, pôde recolher-se ao interior do navio, sem que se perdesse uma só vida. Eram, pelo menos, 200 os inimigos que abordaram este ultimo.

No entretanto o *Silvado*, commandado pelo intrepido e venturoso Jeronimo Gonsalves, que estava de promptidão, largou a amarra por mão, caminhou avante, e veio metralhar os dous encouraçados, cujas toldas se acha-

vam apinhadas então de paraguayos. Viva o valente Gonçalves!

Faça idea da sufra que houve então.

Resoluto e expedito, como sempre, o Gonçalves tinha logo feito descer um escaler para prevenir o almirante, que se achava no porto Elisiario, do que se passava pela vanguarda. Este log que teve vapor, suspendeu e seguiu lentamente; assim de chegar ao romper dá aurora ao lugar do conflicto.

Arrecaram-se os nossos escaleres, mais para salvar aquelles desgraçados do que para aprisional-os; tão fânicos, porém, ainda desta vez se mostraram os paraguayos, que muitos quizeram antes afogar-se do que aceitar o socorro que se lhes offerecia. Assim apenas se tomaram 13 e 1 capitão e 1 tenente ferido. Calculam-se os mortos em mais de 400.

Uma carta do barão de Inhauma para o marquez de Caxias diz:

«Tomei 11 canoas e um bote nosso que tinha ido agoas abaixo. Fiz um desembarque sobre uma guarda que escondida fazia muito fogo; destrui seus quarteis e veio aguas abaixo muita gente morta por metralha. Temos 13 prisioeiros, entre estes o capitão Cespedes, e um tenente que está ferido. Nossa perda em mortos e feridos foi de 33, não sendo muitos os feridos gravemente. Os officiaes vão bem e ha esperanças de que se salvem todos.»

—A correspondencia de Buenos-Ayres diz:

Sendo a madrugada de 2 tão fecunda em successos para a esquadra, ainda na de 3 teve ella um feito notavel. —As corvetas de madeira *Magé*, *Beberibe* forçaram a passagem de *Curupaity* indo reunir-se aos encouraçados.

A operação foi realizada com immensa fortuna, pois as corvetas subiram até a estacada sem serem percebidas pelo inimigo, e quando o foram, rompendo de *Curupaity* vivissimo fogo, ellas governaram de modo a evital-o, respondendo tambem com muita galhardia. Apenas uma bala inimiga, acertando n'um dos vasos, feriu dous ou tres homens.

Falla-se hoje de que passando sobre si, ou amparadas por encouraçados defronte do *Humaitá*, devem ir logo (e já se diz que foram) reforçar a esquadilha que está em *Tayi*, para de lá seguir á *Assumpção* com tropas de desembarque.

Um parlamentarrio paraguayo, acompanhado de varios officiaes e soldados *todos trajando roupa nova*, se apresentou na frente de nosso campo, e sendo recebido pelo official—do dia, entregou varias notas de encarregados de negocios e consules estrangeiros na *Assumpção* para os respectivos ministros em Buenos-Ayres.

A expedição de terra as ordens do barão do Herval diz se que estava prompta em Taji para marchar sobre Assumpção.

Era grande a vigilancia em todo o exercito afim de repellir qualquer sortida desesperada que Lopez tentasse fazer por algum ponto, principalmente agora que a enchente do rio, barrando-lhe as communicações pelo Chaco, como que veio completar o cerco.»

A SAUDE.

(Conclusão)

Uma noite que se passe sem dormir, tira pelo menos, dez dias de vida; e para maior fortuna quem vive no nosso paiz, além d'estes maus hábitos da educação, está sujeito a perder a saúde por diversos motivos nascidos do deleixo e abandono em que a camará municipal tem se posto, esquecendo-se inteiramente de cuidar na saúde do povo e melhorar as habitações da cidade. Quem dirá que ainda na nossa terra, centro da civilização, se consente tão francamente que se vendam remedios de especulação, compostos por charlatães da Europa, como sejam: salsas e charopes do bolço, e outras mil jorupigas que nos embutem, abusando da sincera credulidade do povo!!

E é hoje um grande ramo do negocio até para as gazetas graúdas que imprimem os annuncios em letras grandes; o povo o que quer é vasarse, e tanto que o remedio descarregue o ventre, embora seja um veneno, é cousa boa; os que morrem ficam calados, e por isso não há quem falle contra; e uma camará com um chamado presidente e oito varejadores, digo vereadores, nada providencia a este respeito: e uma inspecção de saúde publica nem palavra a este assumpto!

E nada se diz nem se promove a respeito dos charcos de lama podre e fedorenta que existem por essas ruas, que servem de viveiros de mosquitos para affligir os infelizes habitantes de taes logares!! Nenhuma providencia sobre os viveres, nada, pela palavra! Venham tributos e mais tributos, Os fiscaes pelas esquinas damnados por pregarem condemnações, agarrando os escravos a torto e a direito, venha dinheiro e mais dinheiro, e nada de melhorar as commodidades do povo!

E ainda não fallamos n'essa quantidade de meretrizes que a cada canto por ahí existem cheias de quifeses e podridões, para empestarem a mocidade, e ao mesmo tempo esgotarem as algibeiras; sem haver ao menos um medico que as inspecione e se informe do estado em que estão, para mandal-as curar do novo no hospital, quando estiverem fazendo agua, por-

que só assim se evitaria que tão bellos rapazes estivessem todos os dias a naufragar.

Em summa, á vista d'estas e de outras misérias, que por desgraça nossa supportamos, pode-se dizer que o ter saúde nesta terra é milagre; e por isso com razão vemos tantos medicos, boticarios, padres o armadores; porem o nosso consolo é considerarmos que elles tambem hão de morrer; vamos portanto cumprindo o nosso cruel fado, tapando o nariz aos fedores, e enchendo a barriga de remedios quando adoecer-mos, ou aliás tomando os *pinguinhos*; porque da saúde so se hade tractar depois que morrer todo o povo.

LA VAE VERSO.

CANÇÃO DO VOLUNTARIO.

A' sombra dos patrios lares,
Nos verdejantes palmares,
Onde o ar geme aos sopraes
Das auras que vem do mar,
Senti-me um dia abalado,
Quando o povo indignado
Erguia ingente este brado:
Vamos além batalhar!

E não fiquei na molleza,
N'apathia e na torpeza,
Que corrompem de fraqueza
Pallidos corações.
Nem podia, que em meu peito
Eu voto um culto ao direito,
A' razão ardente preito,
A' patria mil oblações.

Comprometti meu futuro,
Da vida o sonho mais puro...
Vim com animo seguro
Affrontar sobre o canhão...
Mas cria que patriotas
Valliam mais... são illotas
Que merecem as risotas
Dos verdugos da nação.

Nós somos filhos bastardos,
Que viemos como fardos
Rolando por sobre cardos
Trazidos á pontapés.
Morrem soldados á fome
—A' mingoa—d.ga-se o nome—
E a miseria que os consome
São seus unicos laureis.

De tantas crenças ardentes,
De mil esforços ingentes,
De tantas almas valentes,
Eis aglorial eis o trophéo!

A alma prosta-se e geme,
Reage, irrita-se e freme,
Da razão perdido o leme
Nas vascas deste escareó.

Porem não; não nos curvamos!
A fronte altiva elevamos,
E a nossa cruz arrastamos
Em honra á lei do dever!
Nós sabemos dedicar-nos
Sabemos sacrificar-nos
Por ahí glorificar-nos,
Que a gloria é saber morrer.

Que dobrem somente os fracos,
Os espiritos opacos!
Mas nos, da raça dos Gracchos,
Não curvamos a cerviz.
Um dia a prosteridade
Virá cheia de verdade
Premiar a herocidade,
Confundir as almas vis.

E que o não venha, e se calle!
P'ra o homem forte equivale,
Ficar á sombra do valle
Ou subir para o Sinæ;
Sobram-lhe estímulos d'alma,
Despreza louros e palma,
E ao nada curva-se em calma
Quando a vida se lhe esvae.

Á PEDIDO.

—Em dias da semana passada houve uma grande escamotagem.

—Onde, rapaz?

—Em uma reunião em certa casa fidalga.

—A rua?

—De *Cima*.

—Os protogonistas quem foram?

—O chefe da quadrilha *Alameda* e seus socios *Machado de Cobre* e *Estatua de Marmore*.

—E o *pato*?

—Ouça e pasme.

O depennado foi aquelle mesmo que é obrigado a veillar contra essas falcatruas.

—Eim?! . . .

—E' isso.

—Eu sempre disse que essa gente do olho vivo é capaz de enganar ao proprio chefe, quanto mais a outro qualquer vivente.

—Moço inexperiente, cahiu na cilada, parou lo aos 200\$ e aos 500\$ rs., e foi completamente *folgado*.

—Que gente audaciosa!

—O Valete de Copas ficou desapontado por não ser contemplado na rasca, visto as precissões em que anda pelos compromissos con-

trahidos da Europa, porém como subserviente a seu chefe viu o *gamado* de cara alegre, resmungando apenas pelos cantos e dizendo que todo o empenho do *Alameda* é descartar-se dos companheiros que lhe fazem sombra para ser *solus totus et unus*.

—Pois o Valete de Copas, não foi contemplado, elle o iusigne *trabalhador das cartas de puxa* preparadas na maquina, e que tanto tem mettido nos bolso do *commandita*?

—Qual! Apenas o *Compadre das Lavras* levou uns 20 por cento.

—Esse, coitado, do que serve *ganhar que não leva*.

—O *Alameda* está muito ufano por que a victima, tomou-lhe dinheiro emprestado nessa noite, e por isso ja conta que elle va a sua casa para o que dá jatares quotidianos ate que n'um bello dia caia no laço.

—Eu latismo a sorte desse inexperiente moço si cahir nas garras de taes harpyas.

—Elle que se previna em tempo.

Tres são as victimas sobre as quaes presentemente esvoaça a gana desses corvos da fortuna alheia.

—Quem são?

—O chefe da *ruiva*, o Sr. de Villa masinha e um *venerando togado*; pouco praticos, fortes paradores, e tendo o que perder, espera a sucia tirar delles grandes resultados.

—Interrompa por um pouco a sua conversa em quanto eu vou aviar um negocio e volto.

Sim Sr.

(*Continua.*)

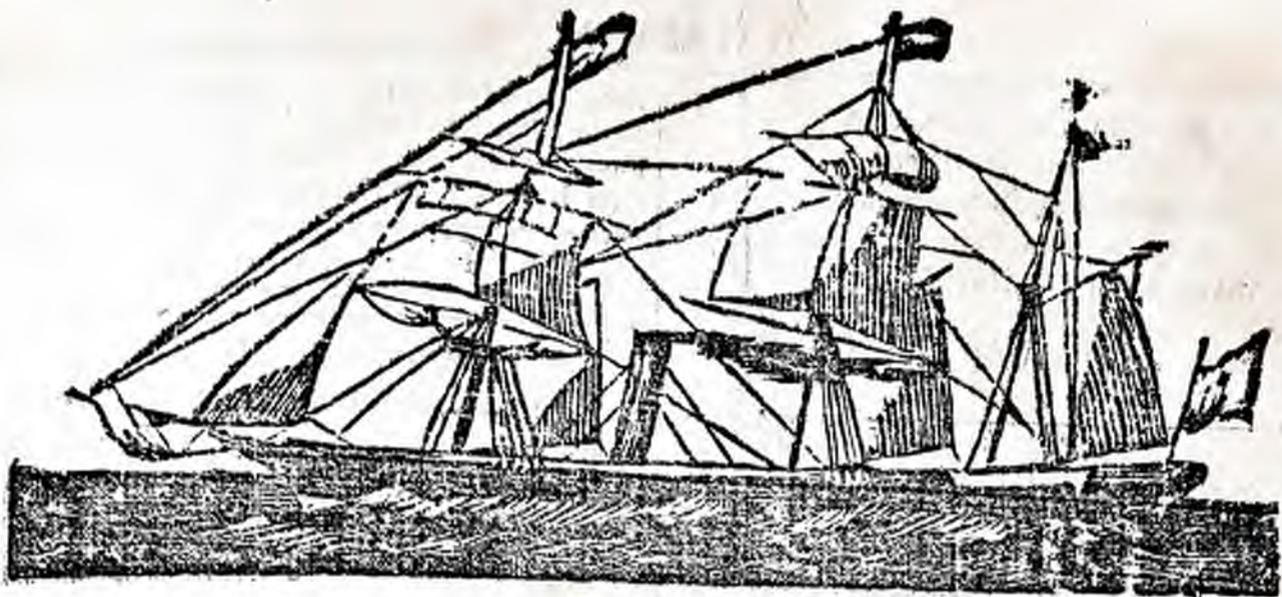
ANNUNCIOS.

Roga-se a um ferreiro da rua dos Adobes, freguezia do Santo *Paduano*, que venha ás portas do Carmo, caza n.º 20, para negocio que não ignora; pois si o não fizer dentro de 8 dias lhe será declarado o seu nome, e o motivo deste convite.

Bahia 28 de março de 1868.

Pede-se ao Ilm, Sr. Subdelegado da freguezia do *Segura Paredes* que, sem perda de tempo, demita o inspector de quarterão que faz parte da quadrilha que rouba constantemente os trapiches, o qual ultimamente, acompanhado de seus sequazes, praticou uma scena que deixamos de mencionar por ter V. S. dispensado as formalidades que a lei impoem aos ladrões, permita S. S. que lhe diga, que si assim não o fizer, no numero seguinte passarei a demonstrar a biographia do curuja do 7.º quarterão.

Justom.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

á rua do Collegio n. 44, 1.º andar.

Anno VI.

Serie 33.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

31 DE MARÇO DE 1868.

N. 342.

O ALABAMA.

Este numero é o segundo da serie 35.^a
Lembra-se aos Srs. assignantes *atrasados* a obrigação em que estão de se tornarem pontuaes, visto como é preciso accudir ás despesas urgentissimas da publicação, momentaneamente agora que o *Alabama*, augmentando o formato, duplicou de despesas, sem com tudo alterar o preço da assignatura.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
30 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, representando lhe contra o desregrado modo de vida, que tem uma meretriz de nome Josepha, moradora á rua do Collegio, n.º 9, a qual, pelas depravações que commette e pelas orgias e algazarras que faz noite e dia, em sua casa, torna-se indigna de morar entre familias.

Espera-se, portanto, que S. S. admoeste a essa *heroína* para que emende de vida, ou a querer continuar na que vae, procure logar mais apropriado.

—Aquella mulher rodeada de tanto estudante, o que será?

—Está gravida, e ao chegar aqui no Terreiro sentiu as dores do parto: pariria na rua,

si os estudantes não a levassem como vê, para o hospital.

—E' uma obra de humanidade.

—Isto é para provar que nem sempre os estudantes são facetos e galhofeiros.

—O muro dos frades beneditinos, na ladeira das Hortas, está cahindo aos pedaços.

E' preciso qualquer providencia, que evite um desabamento sobre algum vivente que por alli transite.

—E' justo.

LA VAE VERSO.

A PASSAGEM DE HUMAITA

Uma raça de villões
Ante o Brasil se curvou!
Ao rugir de seus canhões
Humaitá se calou!
O gigante americano
Fez abater o tyranno,
Q'o Paraguay dominou!

Delphim, o chefe dos bravos
Desta brasileira nação,
Provou a esses escravos
Da desgraçada Assupção,
Que de um paiz denodado
Cada filho é um soldado,
Cada soldado um leão!

Prosegue, patria guerreira,
Na tua honrosa missão;

Em face da Europa inteira
Desdobra o teu pavilhão!
Avante, trilhando a gloria!
Q' em cada nova victoria
Novos louros voltarão!

(Do Typographo)

A RIQUESA DO BRASIL

O Brasil é minha terra,
E' a terra do agrado,
E tem moças com ternura
Tão doces! como mellado.

As mangas são bellas
E muito cheirosas,
De diversos gostos
Sempre saborosas.

No Brasil há boas agoas,
Saudaveis e cristalinas,
E' perenne a primavera
Sobre campo de boninas.

A pinha é divina
Tem gosto subido,
Devia chamar-se
Manjar de Cupido.

Nós so precisamos
P'ra nosso desejo,
Q' venha da Europa
Bom vinho, bom queijo.

Não devo esquecer-me
Do fresco mamão,
No cheiro e na massa
Melhor que o melão.

A minha patricia
Tem simples feitiço,
A moça d'Europa
Tem tudo postico.

O nosso arvoredo
Tem sempre valor,
Si um tem o fructo
O outro tem flor.

Europa tem fructas
Com tanta doçura?
Europa tem campos
Com tanta frescura?

Temos peixes variados
Pescados no mar, na poça,
Bella cavalla, cioba,
O bello perna-de-moça.

Na Europa em tempo frio
Ninguem se pode aguentar
Precisão forno ou fogueira
P'ra poderem se aquentar,

Gosto deste, tem sustancia
Macio, e de lombo grosso,
Mesmo cru posto na meza
Apenas tem dentro um osso

E temos fructas
De arrogalar,
Muito gostosas
P'ra quem chupar.

Quem de peixes ja cansado
Tiver um novo desejo,
Manda apanhar rosma eisco
Ostras, polvo, e caranguejo

Lustroso cajú
Nevado ao sereno,
Licor doce, ameno,
Que é tão salutar.

Temos para nosso pão
A raiz de certo arbusto,
Que apenas sendo ralada
Nós dá sustento robusto.

E' rei entre as fructas
Formoso ananaz,
Suaves refrescos
Os maracujás.

Possuimos um arame,
Q' é forte, e nunca se acaba,
E por si ja nasce feito;
E' chamado piassaba.

As fructas do mato
Pitanga, araçá,
Bello sapo-caias,
Mucugés, ingá.

Nós temos madeiras
E tão superiores,
Que sendo lavradas
Tem todas as cores.

Mangaba mimosa
Com casca se ingole,
Bem como os baguinhos
Da jaca que é molle.

O jacarandá,
Madeira tão rica,
Que quanto mais velha
Mais bonita fica.

Das fructas de massa
E' a soberana.
A fructa dos anjos
A rica banana.

O tal petiá,
O bom cundurú,
O pau paraliá
P'ra fazer bahu.

Esta terra tem riqueza,
Tudo nella é so fartura,
Passa a gente sem ter fome
Com 40 reis de jaca dura.

Si no Brasil não houvesse
Formiga, e tanta preguiça,
Aos proprios anjos do céu
Elle faria cobiça.

Á PEDIDO.

— Presumpções tolas!
Vem a morte e acaba com essas fiducias
aparvalhadas. Tudo vae para baixo da terra
sem distincção.

— Menos isso, quem tem dinheiro vae pa-
ra um soberbo carneiro, em quanto o pobre
é atirado na valla.

— Porém depois ninguem sabe distinguir
quem foi o grande nem o pequeno.

— Ah! concordo.

— Entretanto, é uma perfeita tolice daquel-
les sujeitos quererem sahir da canoa, por que
embarcou nella um pobre mendigo.

— Estão com medo que a pobreza do homem
não se lhes contamine.

— Contaminados estão elles pela lepra da
corrupção.

— Aquelles marrecos são de Latronopolis,
não?

— Quem lhe disse?

Aquella passaralhada é um bando de aves
de arribação, vieram da *santa terrinha*.

— Sei disso; digo que são estabelecidos em
Latronopolis.

— Ah, são.

— Eu conheci por aquelle que está a dar
sota e bastos ao canoeiro; tem loja de merci-
aria, na cidade *inferior*.

— Tem; assim como aquelle de chapeu de
braga.

— Aquelle mais pertinaz conheci em Santos
com escriptorio de *commissões*.

— O outro é o *Paulo Moleque*, socio do *Gor-
dinho*.

— Filaucias asnaticas. Que deslouro vae
em embarcar com um pobre.

— E' a consciencia que elles tem do quanto
valem.

— No entanto o homem passou para a ca-
noa em que vae o G. e nem por isso elle ficou
deslustrado.

— Quem é bom ja nasce feito.

— A verdadeira nobresa está no procedi-
mento do homem; e não na presumpção to-
la por ter quatro vintens.

— O Sr. é musico?

— Vm. o diz.

— Pelo que agora vi sente algum encom-
modo.

— Não.

— Mostrou certa repugnancia em subir o
Taboão, e retrocedeu o caminho.

—Motivos imperiosos.
 —Complicações.
 —Sim; é um negócio que tenho na loja n. 15, e como qual estou um pouco embaraçado.
 —E porque não vae saldá-lo? Eu lhe aconselho que vá quanto antes, afim de evitar algum mau resultado.

—Aqui estou.
 —E eu também.
 —Então escute-me.
 —Vá lá.
 —O *areometra* Flambulas, dramaturgo charlatão, foi a bordo de um navio e comprou por 50\$ rs. um grande porco.
 —E' isso? Pois não quer que o homem coma gordo pela páschoa?
 —Não é isso, não.
 —Então o que é?
 —E' que o homem, para não pagar frete ao saveirista, mandou o escaler *aduaneiro* bascal-o.

—Que tem isso, o homem é de casa.

—De casa é rato.

Pois o transporte que é exclusivo para o serviço publico, lança-se delle mão para conduzir o porco do *areometra*?

—Eu sei lá; indague dos pastores si Belmira aos campos vem.

(Continuação do n. 344.)

—Continue, meu charo.

—*Alameda*, esse audacioso aventureiro, não possuiria soberba casa de campo, aparatosas mobílias, não ostentaria luxo deslumbrante; não arranjaría casamentos e não gastaria predigamente, como ha pouco, em certa festa nos suburbios, si o dinheiro não lhe fosse as mãos tão illicitamente.

—Pór isso mesmo é que elle devia se lembrar do futuro; essas fortunas adquiridas com a desgraça e deshonra alheia esvaecem-se como o fumo.

—Esse moderno *Luige Vampa*, ja conta para si e seu cunhadinho com o *subsídio* de certos representantes do departamento, por que, diz elle, estando seu *Compadre das Lavras* debaixo do anno do nascimento pelo que lhe deve a seu cunhadinho, ha de por força sujeitar-se a imposição de induzir os moços da deputação a irem aos jantares, para elles lhe escurripixarem os cunquibos e o que tocar ao dito compadre, entrará ao depois para o bollo, por entrega arranjada no quebrado feito pelo *Estatua de Marmore*.

A prova de que esse moço é um pobre *Cyri-neu*, é que anda sempre limpo de penna e culpa, bem como outro qualquer socio que não

seja da rosquilha, emquanto que *Alameda*, esse ralé que ainda hontem, maltrapilho era o assiduo frequentador das mais tenebrosas espeluncas, que pejavam esta cidade, hoje anda sempre recheiado, e impavido affronta a moralidade publica, sem haver quem lhe tome contas de tão improvisada e mysteriosa grandeza.

—São lances da fortuna.

—Admirá a rara subtileza com que esse homem sinistro tem sabido arrastar na sua prosperidade tantas reputações, tantas fortunas pela lama da deshonra e da perdição!

Creado, por assim dizer, aos trombolhões, sem outros dotes intellectuaes, mais do que a experiencia das alternativas e vae-vens do mundo, em que as suas alicantinas o tem feito girar constantemente, e essa pratica *tarimbeira* adquirida no seio das mais degeneradas fezes sóciaes, em que sempre viveu, tem a admiravel habilidade de reunir em commum os diferentes e oppostos typos da escala social.

O essencial é que o individuo tenha o que perder.

E' assim que muitas vezes em suas alcóoadas poltronas senta-se frente a frente o magistrado severo, o juiz incorruptivel e austero, com o criminoso, com o falsificador; quantas vezes aquelle que tem o dever de *corrigir os abusos*, não tem se esbarrado, nesse antro, cara a cara, com o mais atrevido contrabandista, o reu convicto de muitos crimes e por força dessa comunidade tem neutralizado a sua acção?

E ahi quanto juiz tem quebrado a rigidez de seu character, depois de perder uma somma avultada, tomando emprestado ao maior traficante uma quantia para saciar o vicio que lhe devora?

Agora mesmo de bocca em bocca da gente da seita jogatinal, que um dia destes certo magistrado, que por sua posição não devia pactuar com semelhante gente, tomara emprestado a esse harpya dous contos de reis em uma banca. E isso espalha-se porque elle tem interesse que se saiba, para inculcar a dependencia em que está o magistrado para com elle pedindo-lhe dinheiro emprestado.

Quantas transacções ignobeis não tem sido testemunas as paredes daquella casa maldicta?

Quantas vezes, não tem sido sacrificada a justiça e calcada a innocencia para saciar a gana desse homem fatal?

Entretanto quem conheceu hontem esse homem porigoso, pasma ao vel-o hoje soberbo e arrogante, decidindo da sorte e futuro de milhares de pessoas!

Aquelle mesmo que hontem por um patacão era o guarda-costa noturno do Carmezim, hoje altivo e potentado dispõe de contos e contos de réis!

—Tudo isso que V. tem declamado, não vem ao caso; conte-me primeiro os pormenores do *gamado* da rua de *Cima* que é o essencial, depois lhe escutarei o resto.

—Ja que V. Ex. assim quer, tenha a bondade de ouvir-me.

(*Continua.*)

(*Continuação do n. 296.*)

—O celebre galhudo reformado, como diz o *Angelo*, parente do *Simeão*, que mora com o *Silva*, lá para um *morro* que tem em *S. Paulo*, andou batendo com as galhas, sem saber a qual de suas victimas attribuisse as metralhas do *Alabama*.

Esse animal descarado, calumniador e velhaco-mór, merece que de vez em quando o muxingueiro lhe retalhe a infame cara; apesar de que esse urango-tango ha muito a tem encouraçada pelas chicotadas que levou no sul, sendo lá a vergonha da *tropa*.

Deixemos por ora essa besta e a tal *Sinhá* na *ninhada* dos horrores com *Sinhô*, a serem o typo da depravação.

Vamos tratar de um certo alfinim de raspadura.

Ha no tal *morro* uma *convertida*, fervorosa devota de *Santa Deoclecia*, de quem se conta muitos prodigios. Apesar de que, os linguarudos murmuram de certas entrevistas occultas, que ella tem com um certo *frade*, homem *candido* de coração, posto que outr'ora fosse um *hypocrita*.

Mas, quem neste mundo está livre das más lingoas?

O que a mulher faz para *confortação* de sua alma, os maldizentes commentam por outra forma!

E em sua mordacidade dizem que a mulher tomara por seu padrinho de chrisma o *candido* frade, depois de ter sido sua barregan e que nesse estado peccaminoso continuam!

—Que horror!

—A pobre mulher costuma fazer suas romarias a *Nossa Senhora de Valença*, na cidade da *Fabrica*, quando seu padrinho alli está e então, como é natural, hospeda-se em casa d'elle, demorando-se semanas e semanas; pois até disso murmuram e dizem que ella vae de proposito ver o frade com saudades d'elle não apparecer.

E para desacreditar a vida *austero* do religioso, dizem que uma vez, do pulpito, elle emborrachado, fizera o panegyrico e tecera elogios aos predicados de sua dona da casa.

—Por *Nossa Senhora da Luz*, não continue. Isso arripia.

(*Continua.*)

VARIEDADES.

PROGRESSO.

Um sapateiro de *Londres* inventou á pouco uma machina para deitar solas á sapatos, a qual n'uma hora deita solas a 12 pares e por conseguinte substitue o trabalho de 30 trabalhadores. Esta machina fará uma revolução nas sapatarias e assim o mechanismo apodera-se pouco a pouco de todas as artes e officios, nos quaes a mão do homem parecia indispensavel.

Um homem debulhava-se em lagrimas, porque sua mulher se havia enforcado n'uma figueira que tinha no pateo. Um dos vizinhos, vendo-o neste triste estado, aproximou-se d'elle e lhe disse ao ouvido, tu és bem tolo em te affligires assim, quando tens motivo de te alegrar. Da-me um pezuinho d'essa figueira para eu plaqter no meu jardim, e ver si minha mulher faz outro tanto.

Vendo um gracioso espirar um homem que tinha o nariz muito chato, lhe disse: Deus lhe conserve a vista. Este ultimo, admirado de semelhante dito, lhe perguntou porque o tinha dito. Por isto accrescentou o primeiro, porque o seu nariz não é bom para oculos.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

De ordem do conselho administrativo desta sociedade, convida-se aos senhores socios para comparecerem na quarta-feira 1.º de abril, ás 6 horas da tarde, em assembléa geral, afim de serem discutidos o relatorio e o parecer da commissão de contas, do trimestre findo, visto não ter tido logar no domingo 29, por falta de numero. Bahia 30 de março de 1868.—*Aristides Ricardo*, 1.º secretario.

Manuel dos Passos e Silva agradece cordialmente a todos os seus amigos e mais pessoas que se dignaram de acompanhar ao ultimo jazigo o cadaver de sua prezada mulher *D. Angela Victoria de Santa Rosa*, de sua casa a rua direita da *Lapinha* ao cemite-rio da *Quinta dos Lazaros*, e de novo lhes roga o obsequio de assistirem a missa do 7 dia que se hade celebrar quarta feira 1.º de abril na capella dos *Quinze Misterios*, ás 8 horas da manhan; pelo que desde ja se confessa eternamente agradecido.